UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA
DANIELLE MACHADO SILVEIRA

PRODUÇÃO AUDIOVISUAL DA OBRA “O CORTIÇO” COMO ESTRATÉGIA PARA ENSINO-APRENDIZAGEM DE LITERATURA BRASILEIRA CLÁSSICA: ESTUDO DE CASO COM BASE NA TEORIA DA RELEVÂNCIA

Tubarão
2018

UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA

DANIELLE MACHADO SILVEIRA

PRODUÇÃO AUDIOVISUAL DA OBRA “O CORTIÇO” COMO ESTRATÉGIA PARA ENSINO-APRENDIZAGEM DE LITERATURA BRASILEIRA CLÁSSICA: ESTUDO DE CASO COM BASE NA TEORIA DA RELEVÂNCIA

Este trabalho de conclusão de curso foi julgado adequado à obtenção do título de Licenciado em Letras e aprovado em sua forma final pelo Curso de Graduação em Letras Universidade do Sul de Santa Catarina.

Profa. Ma. Suelen Francez Machado Luciano (Orientador)

Tubarão

2018

DANIELLE MACHADO SILVEIRA

PRODUÇÃO AUDIOVISUAL DA OBRA "O CORTIÇO" COMO ESTRATÉGIA PARA ENSINO-APRENDIZAGEM DE LITERATURA BRASILEIRA CLÁSSICA: ESTUDO DE CASO COM BASE NA TEORIA DA RELEVÂNCIA

Este trabalho de conclusão de curso foi julgado adequado à obtenção do título de Licenciado em Letras e aprovado em sua forma final pelo Curso de Graduação em Letras Universidade do Sul de Santa Catarina.

Tubarão, 04 de dezembro de 2018.

_____

Ma. Suelen Francez Machado Luciano (Orientador)

Universidade do Sul de Santa Catarina

_____

Dr. Fábio José Rauen (Avaliador)

Universidade do Sul de Santa Catarina

_____

Esp. Daiane de Souza Alves Maurício (Avaliador)

Universidade do Sul de Santa Catarina

Dedico ao meu pai, a minha mãe, ao meu irmão e ao meu marido.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, primeiramente, por tudo que tem me proporcionado e pela conclusão de mais uma etapa.

Ao meu pai, que não pôde estar presente nesse momento, mas se hoje consegui concluir a faculdade devo a ele, seus ensinamentos e valores conduziram meus passos até aqui. A minha mãe, ao meu irmão, aos meus sobrinhos e a minha cunhada, por todo amor e incentivo. Por terem acreditado em mim e por terem ensinado que a família é base de tudo.

Ao meu marido e melhor amigo, por todo apoio, pelo incentivo, dedicação, compreensão e amor. E por estar comigo nos momentos que mais precisei.

Ao meu padrinho, que de forma muito significativa me incentivou a continuar essa caminhada.

A professora Suelen Francez Machado Luciano, por toda compreensão, apoio e por ter compartilhado comigo o seu tempo e suas experiências. Obrigada por ter me ensinado um pouco do que você sabe.

A todos os professores do curso de Letras – Língua Portuguesa que contribuíram na minha trajetória. Aos colegas do curso, por todo conhecimento partilhado.

A Escola de Educação Básica Saul Ulysséa, aos professores de português e aos alunos do 2º ano do ensino médio que aceitaram fazer parte desta pesquisa.

“Ou escreves algo que valha a pena ler, ou fazes algo acerca do qual valha a pena escrever” (Benjamin Franklin).

RESUMO

Com base na Teoria da Relevância de Sperber e Wilson (1986, 2001), esta pesquisa procura analisar a produção audiovisual da obra “O Cortiço” como estratégia de ensino-aprendizagem de literatura clássica brasileira em produções textuais de estudantes do 2º ano do ensino médio da Escola de Educação Básica Saul Ulysséa, de Laguna, SC. Para tanto, esse estudo foi dividido em duas etapas, das quais a primeira seguiu roteiros diferentes nas duas turmas e a segunda seguiu o mesmo roteiro em ambas as turmas, a saber: 1a) apresentação, contextualização e solicitação de leitura da obra “O Cortiço” para a turma do 2º ano do ensino inovador (matutino e vespertino); 1b) apresentação, contextualização e solicitação de leitura da obra “O Cortiço”, bem como visualização e discussão sobre os estímulos ostensivos do livro trailer da referida obra para a turma do 2º ano do ensino regular (noturno); 2) discussão das questões relacionadas à obra e solicitação de produção textual elaborada em sala englobando questões discutidas no primeiro encontro e impressões pessoais sobre a leitura da obra. De modo geral, os resultados corroboraram a hipótese de que os textos dos alunos que tiveram contato com a produção audiovisual foram mais bem elaborados, uma vez que os estímulos ostensivos do livro trailer chamaram atenção para aspectos que, em tese, apenas a leitura da obra não captou. Além disso, as impressões pessoais descritas nas produções textuais dos alunos que tiveram acesso ao livro trailer foram mais positivas e, defendemos, isso se deve ao fato de a produção audiovisual viabilizar mais efeito cognitivo positivo do que esforço de processamento.

Palavras-chave: Teoria da Relevância. Estratégia de Ensino-Aprendizagem. Produção Audiovisual. Produção Textual.

ABSTRACT

Based on the Relevance Theory by Sperber and Wilson (1986, 2001), the present study analyzes audiovisual production from the book “O Cortiço” as a strategy to teaching-learning of Brazilian classical literature in textual productions of high school students of Saul Ulysséa Primary School, Laguna City, SC. Therefore, this study was split in two phases, first one followed different scripts in both classes and the second one followed the same script in both classes, to know: 1a) presentation, contextualization and reading request for the book “O Cortiço” to 2nd grade class of innovative teaching (morning and evening); 1b) presentation, contextualization and reading request for the book “O Cortiço”, as well as visualization and debate about ostentive motivations of trailer book 2nd grade class of regular teaching (nocturnal); 2) debate about issues related to the book and a textual production made in class encompassing issues discussed on the first meeting and personal impressions about the book. Altogether, the results corroborate the hypothesis that the texts made by the students who were influenced by the audiovisual production were better elaborated, since the ostentive motivations of trailer book attracted their attention to aspects, which only the reading did not. Further, the personal impressions describes on textual productions made by the students who had access to the trailer book are more positive, due the fact that audiovisual production have more positive cognitive effect than processing effort.

Keywords: Relevance Theory. Teaching-Learning Strategy. Audiovisual Production. Textual Production.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Cenas do livro trailer “O Cortiço”. 28
Figura 2 – Segundo 30 do livro trailer “O Cortiço”. 31
Figura 3 – Segundo 53 do livro trailer “O Cortiço”. 32
Figura 4 - Segundo 57 do livro trailer “O Cortiço”. 32
Figura 6– Minuto 1, segundo 3 do livro trailer “O Cortiço”. 33
Figura 7 – Minuto 1, segundo 9 do livro trailer “O Cortiço”. 34
Figura 8 – Minuto 1, segundo 17 do livro trailer “O Cortiço”. 35
Figura 9 – Minuto 1, segundo 26 do livro trailer “O Cortiço”. 36
Figura 10 – Minuto 1, segundo 28 do livro trailer “O Cortiço”. 37
Figura 11 – Minuto 1, segundo 45 do livro trailer “O Cortiço”. 38
Figura 12 – Minuto 1, segundo 48 do livro trailer “O Cortiço”. 39
Figura 13 – Minuto 1, segundo 54 do livro trailer “O Cortiço”. 39
Figura 14 – Minuto 1, segundo 57 do livro trailer “O Cortiço”. 40
Figura 15 – Minuto 2, segundo 10 do livro trailer “O Cortiço”. 41
Figura 16 – Minuto 2, segundo 19 do livro trailer “O Cortiço”. 42
Figura 17 – Minuto 2, segundo 22 do livro trailer “O Cortiço”. 43
Figura 18 – Minuto 2, segundo 41 do livro trailer “O Cortiço”. 44
Figura 19 – Minuto 2, segundo 50 do livro trailer “O Cortiço”. 45
Figura 20 – Minuto 2, segundo 59 do livro trailer “O Cortiço”. 45
Figura 21 – Minuto 3, segundo 9 do livro trailer “O Cortiço”. 46
Figura 22 – Minuto 3, segundo 17 do livro trailer “O Cortiço”. 47
Figura 23 – Minuto 3, segundo 20 do livro trailer “O Cortiço”. 48
Figura 24 – Minuto 3, segundo 24 do livro trailer “O Cortiço”. 48
Figura 25 – Minuto 3, segundo 29 do livro trailer “O Cortiço”. 49
Figura 26 – Minuto 3, segundo 36 do livro trailer “O Cortiço”. 50
Figura 27 – Minuto 3, segundo 40 do livro trailer “O Cortiço”. 51
Figura 28 – Minuto 3, segundo 44 do livro trailer “O Cortiço”. 51
Figura 29 – Minuto 3, segundo 47 do livro trailer “O Cortiço”. 52
Figura 30 – Minuto 3, segundo 51 do livro trailer “O Cortiço”. 53
Figura 31 – Minuto 3, segundo 53 do livro trailer “O Cortiço”. 54
Figura 32 – Minuto 3, segundo 58 do livro trailer “O Cortiço”. 54
Figura 33 – Minuto 4, segundo 03 do livro trailer “O Cortiço”. 55

LISTA DE SÍMBOLOS

$\varnothing$	Elipse de elemento da forma lógica de um enunciado
$\neg$	‘Não’ lógico
$\wedge$	‘E’ lógico
$\rightarrow$	‘Implicação’ lógica (se..., então...)
x, y	Variáveis lógicas
α, β	Variáveis indicadoras de circunstâncias em formas lógicas

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO **11**
2 PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM **13**
3 TEORIA DA RELEVÂNCIA **16**
3.1 CONHECIMENTO MÚTUO E MANIFESTABILIDADE 16
3.2 RELEVÂNCIA E OSTENSÃO 18
3.3 A COMUNICAÇÃO INFERENCIAL OSTENSIVA 21
3.4 MECANISMO DEDUTIVO 22
3.5 FORMA LÓGICA, EXPLICATURA E IMPLICATURA 24
4 ANÁLISE DOS DADOS **26**
4.1 METODOLOGIA 26
4.2 ANÁLISE DO TRAILER “O CORTIÇO” 27
4.3 ANÁLISE DAS PRODUÇÕES TEXTUAIS 56
4.4 ANÁLISES REFERENTES ÀS PRODUÇÕES TEXTUAIS 59
5 CONCLUSÃO **62**
REFERÊNCIAS **64**
ANEXOS **65**
ANEXO A – CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO **66**
ANEXO B – PRODUÇÃO TEXTUAL SEM ESTRATÉGIA DE ENSINO-APRENDIZAGEM **67**
ANEXO C – PRODUÇÃO TEXTUAL COM ESTRATÉGIA DE ENSINO-APRENDIZAGEM **68**

1 INTRODUÇÃO

Esta proposta de estudo surgiu a partir de inquietações sobre as estratégias de ensino-aprendizagem das aulas de literatura, já que, muitas vezes, as abordagens metodológicas ainda estão baseadas no modelo tradicional, ou seja, na fundamentação oral feita pelo professor e a preparação do aluno para recepção dos conteúdos. O tradicionalismo tem objetivos que já não são suficientes, baseados principalmente na resolução de exercícios e na memorização de conceitos.

Devido a esse cenário, o ensino clássico de literatura, normalmente, gera resistência em alguns alunos, afinal, são leituras extensas e com grande variedade linguística que podem fazer com que os discentes construam bloqueios referentes às obras clássicas. A abordagem do professor, independe do método utilizado, deve destacar que os clássicos são obras surpreendentes, uma vez que o clássico traz consigo, além da sensação de descoberta, uma carga de discussões que ultrapassam o tempo.

> O clássico não necessariamente nos ensina algo que não sabíamos; às vezes descobrimos nele algo que sempre soubéramos (ou acreditávamos saber) mas desconhecíamos que ele o dissera primeiro (ou que de algum modo se liga a ele de maneira particular). E mesmo essa é uma descoberta que dá muita satisfação, como sempre dá a descoberta de uma origem, de uma relação, de uma pertinência (CALVINO, 1993, p. 12).

Nesse contexto, defendemos que uma metodologia diferenciada pode mudar o pré-conceito que o aluno tem de uma obra e que o professor tem papel fundamental nesse processo, já que ele deve usar instrumentos que incitem o desejo do aluno para conhecê-la.

O uso das mídias, como produções audiovisuais, pode ser um exemplo dessa abordagem que desperta prazer por novas leituras, tornando-se meio de disseminação de informação e criando uma aproximação do cotidiano dos jovens com os conteúdos programáticos. Logo, o recurso audiovisual na educação traz um olhar novo e significativo para o ensino-aprendizagem dos alunos, pois pode tornar-se uma metodologia atrativa para os assuntos propostos a partir de uma experiência positiva e criativa.

Tendo como base esse cenário, o objetivo esse trabalho é analisar, com base na Teoria da Relevância, a produção audiovisual da obra “O Cortiço” como estratégia de ensino-aprendizagem de literatura brasileira clássica em produções textuais, elaboradas por alunos do 2º ano da Escola de Educação Básica Saul Ulysséa, de Laguna, SC. Para tanto, essa pesquisa compreendeu duas etapas, das quais a primeira seguiu roteiros diferentes nas duas turmas e a

segunda igual: 1a) apresentação, contextualização e solicitação de leitura da obra “O Cortiço” para a turma do 2º ano do ensino inovador (matutino e vespertino); 1b) apresentação, contextualização e solicitação de leitura da obra “O Cortiço”, bem como visualização e discussão sobre os estímulos ostensivos do livro trailer da referida obra para a turma do 2º ano do ensino regular (noturno); 2) discussão das questões relacionadas à obra e solicitação de produção textual elaborada em sala englobando questões discutidas no primeiro encontro e impressões pessoais sobre a leitura da obra.

Nossa hipótese é a de que o livro trailer possibilita uma exposição mais atrativa das obras clássicas brasileiras, facilitando a interação professor-aluno-livro, uma vez que a animação aproxima o aluno de experiências positivas, já que o gênero trailer é usado para anunciar e motivar o espectador a assisti-lo. Além da hipótese de que os textos dos alunos que tiveram acesso a produção audiovisual serão mais bem elaborados, pois a produção audiovisual promove maior efeito cognitivo e menor esforço de processamento.

Para dar conta dessa demanda, essa monografia está dividida em mais cinco capítulos. No segundo, apresentamos uma breve discussão sobre as estratégias de ensino-aprendizagem e sobre a resistência em relação às obras clássicas. No seguinte, desenvolvemos a fundamentação teórica de Teoria da Relevância. No quarto, trazemos a metodologia e tecemos a análise do livro trailer e das produções textuais. Por fim, no quinto, trazemos às considerações finais.

2 PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

A velocidade com que as informações midiáticas chegam aos jovens hoje em dia é impressionante, fazendo com que o professor deixe de ser a única fonte de conhecimento, uma vez que, com um aparelho eletrônico em mãos, os conteúdos tornam-se mais acessíveis. Nesse sentido, conforme Moran (2004), os avanços tecnológicos viabilizam a aprendizagem em qualquer lugar, assim, cabe à escola o papel de organizar e garantir que os processos de ensino-aprendizagem também utilizem a tecnologia para aproximar-se do aluno, com a intenção de quebrar o espaço entre o professor, o conteúdo e o estudante.

Para acompanhar a tecnologia, a escola tem que se reinventar. De acordo com Moran (2004), o ensino-aprendizagem nunca foi tão desafiador. Faz-se necessário modificar o ensino, a orientação e verificar o que pode ser feito para essa mudança no processo de ensino-aprendizagem. Além disso, essas diferentes formas e diferentes lugares podem influenciar significativamente nas aulas.

Uma pesquisa feita por *Proceedings of the National Academy of Sciences* e publicada na revista Galileu (2014) aponta que as aulas com métodos tradicionais reprovam mais alunos do que as aulas com métodos mais incentivadores e ativos. Temos, então, que as abordagens ativas (elaborar dinâmicas, movimentar o aluno, praticar os conteúdos, aproveitar as diferentes mídias, entre outros) facilitam a interpretação do aluno, que presta mais atenção e entende melhor os conteúdos. Dado que as abordagens tradicionais vêm perdendo espaço no ambiente escolar, cabe ao docente usar diferentes metodologias para oportunizar ao aluno maior compreensão do assunto proposto.

No caso, trazer o ambiente que os adolescentes estão envolvidos diariamente, ou seja, usar as mídias comunicativas e informativas com conteúdos audiovisuais atrativos, provocantes e motivadores contribui para essas novas abordagens metodológicas.

Segundo Netto (1998), a tecnologia e os recursos audiovisuais promovem a aprendizagem. No livro “Telas que ensinam: mídia e aprendizagem. Do cinema ao computador”, o autor relembra que desde as pinturas rupestres das cavernas pré-históricas o ensino parte das imagens, além das telas e das esculturas da Era Cristã. Não seria diferente com a TV, o cinema e os vídeos, uma vez que os estímulos gerados pelas imagens remetem mudanças cognitivas de longo ou curto prazo.

Por meio das diferentes mídias, os indivíduos descobrem outras formas de se expressar e se comunicar, partindo da ligação que eles fazem das imagens, sons, signos e

textos orais/escritos. Diante dos estímulos audiovisuais, aproxima-se os alunos do conhecimento de forma mais dinâmica, despertando neles o prazer em conhecer e aprender.

Os meios audiovisuais exercem um papel fundamental na educação, influenciando a fala, a forma como se vestem e optando por valorizar mais um modelo que outro. Usa-se desses meios para vincular os alunos a outras realidades, trabalhando a interpretação, a oralidade, a análise crítica, a produção textual ou até mesmo produções midiáticas, envolvendo a tecnologia também no exercício.

O papel do professor é trazer orientações aos alunos para esse processo de inclusão das mídias no ambiente educacional, sabendo educá-los para a recepção e filtragem dessas informações. Além de usar esses meios para algumas alternativas diferentes em sua metodologia.

A tecnologia como recurso didático é oportuna no ensino-aprendizagem nas aulas de literatura, rompendo essa resistência que os alunos têm em relação as obras clássicas. Como já foi referido, o assunto literatura clássica para alguns alunos é sinônimo de resistência por serem remetidos a uma aula monótona e tradicional. Geralmente, os professores usam as mesmas abordagens, levando o aluno a acreditar que o livro não é de seu interesse, além de que será cansativo, que encontrará dificuldade em interpretar pela linguagem usada.

> De fato, as leituras da juventude podem ser pouco profícuas pela impaciência, distração, inexperiência das instruções para o uso, inexperiência da vida. Podem ser (talvez ao mesmo tempo) formativas no sentido de que dão uma forma às experiências futuras, fornecendo modelos, recipientes, termos de comparação, esquemas de classificação, escalas de valores, paradigmas de beleza: todas, coisas que continuam a valer mesmo que nos recordemos pouco ou nada do livro lido na juventude. Relendo o livro na idade madura, acontece reencontrar aquelas constantes que já fazem parte de nossos mecanismos interiores e cuja origem havíamos esquecidos. Existe uma força particular da obra que consegue fazer-se esquecer enquanto tal, mas que deixa sua semente (CALVINO, 1993, p. 10).

A construção desse desejo de ler requer uma nova abordagem nas aulas de português, a visão que os discentes construíram da literatura clássica vem, muitas vezes, de metodologias equivocadas e/ou tradicionais, bloqueando as experiências positivas em relação à leitura. Contrariando o que se espera das aulas de literatura que, a partir de diferentes estratégias, os alunos desvendem o que os clássicos têm para proporcionar. “A leitura de um clássico deve oferecer-nos alguma surpresa em relação à imagem que tínhamos” (CALVINO, 1993, p. 12). Afinal, um clássico quando relido acaba tornando-se uma nova história, uma nova descoberta.

A Teoria da Relevância, abordada no próximo capítulo, possibilita compreender a influência da estratégia de ensino-aprendizagem sobre os estímulos ostensivos dos alunos, sabendo que, quanto mais ostensivo o professor for, mais chamará a atenção dos alunos.

3 TEORIA DA RELEVÂNCIA

A Teoria da Relevância, proposta por Dan Sperber e Deirdre Wilson (1986), postula que a cognição humana orienta-se pela relevância. Conforme Wilson e Sperber (2005), enunciados geram expectativas de relevância suficientes para guiar o ouvinte na direção do significado do falante.

Por relevância, define-se os *inputs* (enunciados, sons, ações, visões, conclusões inferenciais, memórias, pensamentos, entre outros) direcionados aos processos cognitivos. Um *input* é relevante quando seu processamento cognitivo é compensador. Em essência, a noção de relevância é balizada pelo equilíbrio entre o efeito cognitivo e o esforço de processamento. Logo, quanto mais efeito e menos esforço maior a relevância.

Este capítulo apresenta os pressupostos teóricos de Teoria da Relevância. Inicialmente, apresentamos as noções de conhecimento mútuo e manifestabilidade, nas demais seções apresentam respectivamente, Relevância e Ostensão, Comunicação Inferencial Ostensiva, Mecanismo Dedutivo e, por fim, Forma Lógica, Explicatura e Implicatura completam o capitulo.

3.1 CONHECIMENTO MÚTUO E MANIFESTABILIDADE

Para a noção de conhecimento mútuo, tem-se como premissa que falantes e ouvintes compartilham mutuamente dos mesmos conhecimentos, dos mesmos contextos. Todavia, o próprio processo de ensino-aprendizagem nos evidencia que essa noção é empiricamente imprópria. Segundo Silveira e Feltes (2002, p. 26-27, negrito no original), “a hipótese do conhecimento mútuo impõe uma condição de **certeza** relativa à mutualidade de conhecimento, especificamente sobre as suposições contextuais envolvidas”. Entretanto, essa certeza não pode ser garantida. E se a certeza não pode ser garantida, a hipótese não se sustenta.

Para reforçar esse ponto de vista, tomemos o exemplo em que “Ana e Elena caminham por uma rua, quando Ana, apontando para uma construção, diz: ‘-Como é incrível aquela igreja!’ Elena, que até então não havia reconhecido a construção como sendo uma igreja acrescenta: ‘-Realmente, é uma igreja muito bonita’”. (SILVEIRA; FELTES, 2002, p.

28). Ou seja, duas pessoas estão olhando para a mesma coisa, mas não a veem da mesma forma, uma vez que cada um tem uma forma de ver e reconhecer os fatos, pela sua perspectiva particular de mundo.

De acordo com Sperber e Wilson (2001, p. 45-46), a noção de contexto refere-se a ambientes cognitivos, uma vez que "um contexto é uma construção psicológica formada por um subconjunto das suposições que o ouvinte tem do mundo". Logo, o contexto é construído durante o processo comunicacional, não limitando às informações ligadas ao ambiente físico imediato e nem as informações armazenadas na memória.

Nesse contexto, o fato de se compartilhar ambientes e memórias não é garantia de igualdade de percepção, já que não se pode garantir que todos construam uma mesma representação, visto que há diferenças nos ambientes físicos mais restritos e nas capacidades cognitivas do indivíduo. Tendo isso em vista, Sperber e Wilson (2001) propõem as noções de ambiente cognitivo mútuo e de manifestabilidade mútua ao invés de conhecimento mútuo e de informação compartilhada, respectivamente. Num ambiente cognitivo mútuo, as suposições serão mutuamente manifesta aos interlocutores. Assim, Sperber e Wilson (2001) propõem a noção de manifestabilidade, isto é, aquilo que pode ser inferido ou percebido.

Quando nos comunicamos, algumas suposições tornam-se mais ou menos manifestas ao indivíduo. Nesse caso, Sperber e Wilson (2001) definem esse cenário como ambiente cognitivo. Retomando o exemplo, depois que Ana fala que o que está sendo construído é uma igreja, ela torna essa ideia manifesta a Elena. "A comunicação, então, visa à alteração dos ambientes cognitivos dos interlocutores" (SILVEIRA; FELTES, 2002, p. 28).

> Os seres humanos conseguem de algum modo comunicar em situações onde muito se pode supor acerca do que é mutuamente manifesto para outros, onde muito se pode supor acerca do que é mutuamente manifesto para eles próprios e para os outros, mas nada se pode supor ser verdadeiramente conhecido ou suposto mutuamente (SPERBER; WILSON, 2001, p. 88).

Contudo, essas noções de ambiente cognitivo mútuo e manifestação mútua não explicam porquê aciona-se uma suposição ao invés de outra. Pensando nisso, os autores defendem que o indivíduo tem a intenção de alterar o ambiente cognitivo de seu interlocutor. Além disso, como se verá na seção seguinte, eles argumentam que a cognição humana é guiada pelo princípio de relevância.

3.2 RELEVÂNCIA E OSTENSÃO

Sperber e Wilson (2001) defendem que a cognição humana é guiada pela relevância, ou seja, nossos recursos cognitivos são direcionados às informações que nos parecem relevantes.

Uma nova informação torna-se relevante quando se relaciona com as suposições que o ouvinte tem do mundo. Assim, para que o esforço de processamento não supere o efeito cognitivo, é necessário que as novas informações conectem-se as representações já existentes no indivíduo. Nos termos de Sperber e Wilson (2001), "quando o processamento de informações novas dá origem a um tal efeito de multiplicação, chamamos-lhes *relevante*. Quanto maior for o efeito da multiplicação, maior é a relevância".

Uma nova informação pode gerar três efeitos contextuais, a saber:

> (a) Fortalecimento das (fornecendo mais evidência para as) suposições existentes;
> (b) Contradição das (fornecendo evidência decisiva contra as) suposições existentes;
> (c) Combinações com as suposições existentes para dar como resultado implicações contextuais – conclusões deriváveis da junção da entrada de dados e do contexto, mas nunca somente da entrada de dados nem nunca somente do contexto (SPERBER; WILSON, 2001, p. 11).

Para exemplificar esses efeitos, tome-se a seguinte situação: Ana precisa sair às 18h do trabalho para chegar a tempo à escola. Nesse cenário, supõe-se que o contexto cognitivo de Ana é formado por este conjunto de suposições:

> S_1 – Provavelmente sairei às 18h;
> S_2 – Se eu não sair às 18h, eu não chego a tempo à escola;
> S_3 – Se eu sair às 18h, eu chego a tempo à escola.

A patroa chamou Ana e disse que hoje ela precisará contar o estoque, logo, não sairá no horário previsto.

> S_4 – Eu sairei às 19h.

Essa informação nova gera dois efeitos cognitivos quando processada nesse contexto $S_{1\text{-}3}$. Fortalece a suposição S_2 e combina-se com a suposição S_4 para gerar, por *modus ponens*, uma implicação contextual S_5:

$P \rightarrow Q$	S_2 – Se eu não sair às 18h, eu não chego a tempo à escola;
P	S_4 – Eu sairei às 19h;
Q	S_5 – Eu chegarei atrasada à escola.

Sendo assim, podemos dizer que essa nova informação foi relevante. Imaginemos, agora, que a patroa de Ana avisou que ela não precisará contar o estoque hoje, isto é, ela sairá no horário normal. Esse aviso geraria a seguinte suposição S_6:

> S_6 – Eu não sairei às 19h.

Essa suposição nova enfraquece a suposição S1, de que Ana provavelmente sairá às 19h. Os pressupostos teóricos da Teoria da Relevância dizem que, quando duas suposições são contraditórias, eliminamos aquela que tem uma quantia menor de evidência. Temos ainda que, a suposição S6 mais a suposição S2 fornecem evidências para uma conclusão S7;

$\neg P \rightarrow \neg Q$	S_2 – Se eu não sair às 19h, eu não chego atrasada a escola;
$\neg P$	S_6 – Eu não sairei às 19h.
$\neg Q$	S_7 – Eu não chegarei atrasada a escola.

Assim, a informação S_6 é relevante em relação aos efeitos de contradição/enfraquecimento e de implicação contextual. Além disso, as informações podem ser irrelevantes quando estão fora de contexto, com suposições mais fracas do que as tidas como verdadeiras e quando estão no nível da tautologia.

Já o esforço de processamento refere-se ao esforço mental, ao gasto de energia, memória e raciocínio para o processamento de alguma informação. Esse esforço tem relação com os efeitos cognitivos: quanto menor o esforço e maior o efeito, maior será a relevância.

A eficiência do processo é definida quando os efeitos são alcançados com o menor número possível de energia, tempo e recurso gasto. Logo, "uma suposição é relevante no contexto à medida que há um maior número de efeitos contextuais e [...] na medida em que o esforço para processá-la, nesse contexto, é pequeno" (SILVEIRA; FELTES, 2002, p. 44).

Temos ainda que em algumas comunicações o esforço extra é compensado por efeitos contextuais maiores, como ocorre, por exemplo, durante a escrita dessa monografia.

Na interação humana, as pessoas recorrem a meios que possibilitem maximizar a relevância da informação, tornando-a manifesta. Esses meios podem ser, dentre outros, expressões visuais ou corporais, movimentos, sons e cheiros. Tudo isso, quando usado em prol de uma comunicação bem-sucedida, é o que os autores denominam ostensão. O comportamento ostensivo é usado para tornar manifesto a alguém alguma informação. Por exemplo, o professor chama o aluno como recurso ostensivo para tornar manifesto ao aluno que ele precisa prestar atenção.

Nesse contexto, partindo da relação professor e aluno, temos que:

> [...] é de interesse do comunicador escolher o estímulo - ou enunciado – mais relevante de uma série de estímulos possíveis, ou seja, aquele que exija, da parte do receptor, um mínimo de esforço de processamento para o máximo de efeitos. O receptor por sua vez, parte do principio de que o comunicador escolheu o estímulo mais relevante, caso contrário, não empreende qualquer esforço de processamento (SILVEIRA; FELTES, 2002, p. 51).

Na citação, podemos relacionar que o comunicador é o professor em sala de aula e o receptor é o aluno. Então, ser ostensivo significa chamar a atenção de alguém para alguma coisa, nesse caso, do aluno para a literatura clássica brasileira.

Segundo Sperber e Wilson (2001), um estímulo ostensivo é relevante o suficiente para merecer que o receptor se esforce para processá-lo e é o mais relevante de acordo com as preferências e habilidades do falante. Então, "o objetivo do ouvinte na compreensão é encontrar uma interpretação que satisfaça essa expectativa da relevância ótima" (SPERBER; WILSON, 2001, p. 12). Para compreender o que é a condição de relevância ótima, partimos da suposição de que o indivíduo quer alcançar a máxima de relevância e que essa máxima afeta o seu comportamento cognitivo. De acordo com Sperber e Wilson (2001), para atingir a relevância ótima, é preciso conseguir o maior equilíbrio entre esforço de processamento e efeito cognitivo. Para elucidar, os autores mostram duas definições sobre as condições de relevância para um indivíduo:

> Condição de extensão 1: Uma suposição é relevante para um indivíduo quando, depois de ser processada otimamente, são em grande número os efeitos contextuais conseguidos.
> Condição de extensão 2: Uma suposição é relevante para um indivíduo quando é requerido um esforço pequeno para a processar otimamente. (SPERBER; WILSON, 2001, p. 225).

De acordo com esses autores, dois princípios básicos sustentam a arquitetura conceitual de teoria da relevância: o cognitivo, de que a mente humana dirige-se para a maximização da relevância; e o comunicativo, de que enunciados geram expectativas precisas de relevância. Em outras palavras, os recursos cognitivos humanos dirigem-se para as informações que parecem relevantes ao indivíduo e o falante gera uma expectativa de relevância ótima pelo simples ato de se dirigir ao ouvinte.

Com relação à presunção de relevância ótima, que leva em consideração os interesses da pessoa que comunica e dos receptores, os autores assim a define:

> *Presunção de relevância ótima*
> (a) O conjunto das suposições {I} que a pessoa que comunica tenciona tornar manifesto ao destinatário é suficientemente relevante para valer a pena ao destinatário processar o estímulo ostensivo.
> (b) O estímulo ostensivo é o mais relevante que a pessoa que comunica podia ter utilizado para comunicar {I} (SPERBER; WILSON, 2001 [1995], p. 242).

De acordo com Sperber e Wilson (2001, p. 95), todo ato de ostensão transmite uma garantia de relevância e isso torna manifesta a intenção que está atrás da ostensão. Tendo isso em vista, discute-se na próxima seção o modelo inferencial da comunicação.

3.3 A COMUNICAÇÃO INFERENCIAL OSTENSIVA

No que se refere ao processo comunicacional, Sperber e Wilson (2001) postulam que cabe ao falante ser ostensivo e ao ouvinte inferir. Assim, a comunicação inferencial e a ostensão integram o mesmo processo, porém visto do ponto de vista do comunicador que se envolve com a ostensão e do ponto de vista do receptor que se envolve com a inferência.

Wilson (2004) propõe três modos de transmissão de informação: acidental, encoberta e aberta. No modo de transmissão acidental, o ouvinte infere/deduz conclusões que não foram ditas intencionalmente pelo falante. No modo de transmissão encoberta, quem fala manipula as conclusões do receptor. No modo de transmissão aberta, o falante tem a intenção de transmitir uma mensagem e também tem a intenção de que o receptor reconheça suas intenções. Na comunicação ostensivo-inferencial, usamos o modo de transmissão de informação aberta, já que o falante pretende além de transmitir uma informação que o ouvinte compreenda a sua intenção.

Na comunicação inferencial ostensiva, “a pessoa que comunica produz um estímulo que torna mutuamente manifesto à pessoa que comunica e aos receptores que a pessoa que comunica tenciona, por meio desse estímulo, tornar manifesto ou mais manifesto aos receptores um conjunto de suposições” (SPERBER; WILSON, 2001, p. 112).

Em outras palavras, a comunicação inferencial ostensiva consiste em tornar mais manifesto possível a intenção de se tornar manifesto um nível básico de informação. Sendo assim, temos as noções de intenções informativa e comunicativa.

A intenção informativa pode ser definida como uma intenção do comunicador de causar uma modificação no ambiente cognitivo do receptor. Na comunicação por ostensão, produzem-se estímulos cujos objetivos são o de realizar uma intenção informativa e o de ter a intenção comunicativa para “tornar mutuamente manifesto ao receptor e à pessoa que comunica que a pessoa que comunica tem uma intenção informativa” (SPERBER; WILSON, 2001 [1995], p. 109). Em outras palavras, cabe à intenção informativa fazer com que o receptor preste a atenção na mensagem que se deseja transmitir e cabe à intenção comunicativa fazer com que a intenção informativa transmitida pela pessoa que comunica seja mutuamente manifesta.

A título de exemplo, na sala de aula estão envolvidas as intenções informativas e comunicativas, ou seja, o professor tem a intenção informativa de alterar o ambiente cognitivo do aluno e tem a intenção comunicativa de fazer com que o aluno reconheça a sua intenção.

Descritas as intenções comunicativas e informativas, apresenta-se o mecanismo dedutivo.

3.4 MECANISMO DEDUTIVO

O mecanismo dedutivo proposto por Sperber e Wilson (2001) é um sistema que apresenta um conjunto de suposições e fará de forma computacional todas as possíveis implicações não trivais desse conjunto de suposição definidas pelas regras dedutivas. As regras dedutivas são divididas em analíticas ou sintéticas. A analítica *–eliminação-e* pega uma suposição como entrada de dados e fornece como resultado uma das suas conjunturas constituintes. Sendo que, cada suposição é isoladamente verdadeira, exemplo:

Eliminação-e
$P \wedge Q$ Ana é aluna e é mãe de família.
Ana é aluna.

Modus Ponens – Se P então Q
$P \rightarrow Q$ Se Ana sair do trabalho às 19h, ela chegará atrasada à aula.
P Ana saiu do trabalho às 19h.
Q Ana chegou atrasada à aula.

Na regra de *eliminação-e*, entre duas suposições verdadeiras, eliminando-se a conjunção "e", cada suposição é isoladamente verdadeira. Na regra de *modus ponens*, quando P é afirmada, segue-se necessariamente Q, dada uma relação de implicação entre duas proposições. Além disso, há a regra lógica clássica de *modus tollendo ponens* que toma como entrada de dados um par de premissas, sendo uma proposição complexa disjunta e a outra a negação de uma das proposições em disjunção, e dá-se como resultado a outra disjunta.

Modus tollendo ponens
$P \vee Q$ Ana sairá do trabalho às 18h ou Ana chegará atrasada à aula.
$\neg P$ Ana não saiu do trabalho às 18h.
Q Ana chegou atrasada à aula.

$P \vee Q$ Ana sairá do trabalho às 18h ou Ana chegará atrasada à aula.
$\neg Q$ Ana não chegou atrasada à aula
P Ana saiu do trabalho às 18h.

Essa regra “aplica-se somente às premissas que contêm uma ocorrência designada de conceito *ou*, e dá como resultado as conclusões de que essa ocorrência foi eliminada”, (SPERBER; WILSON (2001 [1995], p. 146).

Sperber e Wilson creem que o sistema de regras de dedução seja eficiente para reduzir o número das suposições que o indivíduo armazena na memória, para chegar às conclusões, para fazer a extração das implicações adquiridas das informações conceituais novas e para aumentar o impacto dessas informações sobre as representações conceituais armazenadas do mundo. Assim,

> uma função central do mecanismo dedutivo é, portanto, a de fazer a derivação, espontânea, automática e inconscientemente, das implicações contextuais de quaisquer informações apresentadas de novo dentro de um contexto de informações antigas. Em igualdade de condições, quanto maior for o número das implicações contextuais, mais essa nova informação irá melhorar a existente representação do mundo do indivíduo.
> O mecanismo dedutivo está também no centro das inferências não demonstrativas espontâneas: é uma fonte primordial de suposições, e os seus processam afetam a força tanto das teses iniciais como das finais nas deduções que desempenha (SPERBER; WILSON (2001, p. 174-175).

Em suma, o mecanismo de dedução tem essencialmente a função de analisar e de manipular o conteúdo conceitual das suposições, sendo essa função desempenhada pelas regras de eliminação ligadas às entradas lógicas dos conceitos.

Para Sperber e Wilson (2001), os conceitos e as formas lógicas são objetos psicológicos considerados num nível abstrato. Cada conceito é composto por um endereço que desempenha a função de armazenar e de recuperar informações, e de ser constituinte de uma forma lógica. Para cada nova informação, há uma entrada específica dentro de uma entrada que pode ser lógica, enciclopédica e lexical:

a) Entrada lógica: refere-se a um conjunto finito de regras dedutivas e são aplicadas as formas lógicas que são constituintes. Sendo informações de caráter computacional.
b) Entrada enciclopédica: trata-se de informações contidas na memória de cada indivíduo e que variam com o passar do tempo. Essas informações são de caráter representacional.
c) Entrada lexical: consiste de informações linguísticas a respeito de conceitos e também são de caráter representacional.

3.5 FORMA LÓGICA, EXPLICATURA E IMPLICATURA

Para Sperber e Wilson (2001), existem três níveis representacionais da compreensão, eles são divididos em: *forma lógica*, que depende da identificação e interpretação linguística; *explicatura*, em que a forma lógica acontece por meio dos processos inferenciais de natureza pragmática; e nível da *implicatura*, que se baseia da explicatura para a construção de inferências pragmáticas.

De acordo com Sperber e Wilson (2001 [1995], p. 125), a forma lógica pode ser definida como "um conjunto estruturado de constituintes que passa pelas operações lógicas formais determinadas pela sua estrutura". Uma forma lógica é proposicional quando é semanticamente completa. Quando a forma lógica é enriquecida com traços linguisticamente codificados e contextualmente inferidos obtêm-se a explicatura do enunciado. Diferente das explicaturas, as implicaturas são suposições que não são comunicadas de maneira explícita.

> No processamento de um estímulo verbal, assim como na análise que dele se pode fazer, sua forma linguística é encaixada em uma forma lógica, que, em geral, é semanticamente incompleta ou não proposicional. Em seguida, essa forma lógica é enriquecida pragmaticamente até a obtenção de uma explicatura, entendida como uma forma proposicional semanticamente completa para a qual se pode atribuir um valor de verdade. Em boa parte das vezes, essa forma proposicional funciona como uma premissa implicada, gerando dedutivamente uma conclusão implicada [...] denominada de implicatura (RAUEN; MACHADO, 2012).

Para exemplificar os três níveis representacionais, segue enunciado retirado do livro trailer a ser analisado nesta pesquisa. No livro trailer, a personagem Rita Baina representa uma pessoa que está encantada com um outro personagem. Ela diz:

(1) Albino, quem é aquele pedaço de homem?

A partir desse enunciado tem-se a seguinte forma lógica:

(2) (ser x, y).

No nível da explicatura, há várias complementações de ordem pragmática como a de identificar que se trata de alguém, que o posicionamento em questão é essa pessoa ser alguma coisa, e quem é essa pessoa é ato que não se sabe. Veja-se:

(3) Albino, quem é aquele [sujeito] pedaço de homem?

Preenchidas as lacunas, pode-se ainda descrever uma explicatura de alto nível que inclua a atitude proposicional em jogo. No caso, trata-se de uma questão.

(4) RITA BAIANA PERGUNTA A ALBINO QUEM É AQUELE SUJEITO PEDAÇO DE HOMEM.

E, no nível da implicatura, pode-se chegar à suposição de que se Rita Baiana questiona quem é aquele pedaço de homem, provavelmente ela se interessou por ele. Veja-se:

(5) Rita Baiana provavelmente está interessada naquele sujeito pedaço de homem.

Nesse conjunto de descrições, a versão (2) destaca a forma lógica do enunciado linguístico (1), sendo que alguém é alguma coisa. A versão (4) captura o questionamento da personagem 1, incluindo a explicatura (3), onde alguém é alguma coisa e esse alguém caracteriza à dúvida de Rita Baiana. A conclusão de que a Rita Baiana está interessada no outro personagem é uma conclusão implicada. Ou seja, é a implicatura do enunciado linguístico da Rita Baiana.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Este capítulo destina-se a descrição metodológica da pesquisa, na primeira seção, e as análises do livro trailer, na segunda, e das produções textuais na terceira.

4.1 METODOLOGIA

Este projeto parte da hipótese de que estratégias de ensino-aprendizagem relacionadas às mídias audiovisuais possibilitam experiências positivas dos alunos com relação às obras clássicas da literatura brasileira. Tendo como base a Teoria da Relevância, buscamos analisar a produção audiovisual da obra "O Cortiço" como estratégia para ensino-aprendizagem de literatura brasileira clássica em produções textuais.

Nesse contexto, essa pesquisa foi desenvolvida com estudantes do 2º ano do ensino médio inovador (matutino e vespertino) e regular (noturno) da escola de Educação Básica Saul Ulysséa de Laguna, SC. À turma do período inovador foi contextualizado o livro, solicitada a leitura do material e uma produção textual sobre o enredo; à turma regular, além das etapas anteriores, foi passado o livro trailer.

Três hipóteses impulsionam essa pesquisa:

a) A primeira hipótese, de ordem operacional, é a de que a estrutura teórica da Teoria da Relevância permitirá explicar e descrever os processos inferenciais fundamentais para entender o que a mensagem explícita ostensivamente e entender qual o caminho cognitivo que os alunos passaram para produzir o texto.
b) A segunda hipótese, de trabalho, é a de que a produção textual do aluno que assistiu ao livro trailer combinará um conjunto de suposições da memória enciclopédica do aluno com as novas suposições implicadas a partir desse material audiovisual;
c) A terceira hipótese, de trabalho, é a de que será possível encontrar na produção textual pós-vídeo trailer indícios dessa produção audiovisual.

No que se refere à execução da pesquisa, destacamos aqui aspectos da delimitação da escola, da seleção dos estudantes, da obtenção dos textos e da intervenção docente.

Com relação à escola, escolhemos a Escola de Educação Básica Saul Ulysséa por ser uma escola situada próxima à casa da pesquisadora e por ser a escola na qual a pesquisadora estudou desde os anos iniciais até a conclusão do ensino médio.

No que diz respeito aos sujeitos da pesquisa, escolhemos duas turmas do segundo ano do Ensino Médio e elas foram indicadas pela direção da escola e pelos professores de Língua Portuguesa levando em consideração à necessidade de incentivo a leitura.

Tendo escolhido a escola e os sujeitos, passamos a coleta dos dados. Na turma do período inovador, o primeiro encontro foi dia 21 de agosto de 2018. A pesquisadora explicou o motivo da pesquisa, apresentou a obra, contextualizou e solicitou a leitura, pois eles fariam uma produção textual em sala. Na turma noturna, o primeiro encontro foi no dia 24 de agosto de 2018. A pesquisadora também explicou o motivo da pesquisa, apresentou a obra, contextualizando-a junto com a reprodução do livro trailer e solicitou a leitura para posterior produção textual. Já o segundo encontro aconteceu no dia 11 de setembro na turma do período inovador e no dia 14 de setembro na turma do período noturno e seguiu igual para as duas turmas, isto é, foram discutidas questões relacionada à obra, como: personagens, temas abordados e espaço. Depois, foi solicitada uma produção textual com base na leitura e nas discussões da aula passada.

Nos aspectos analíticos, o primeiro passo foi a digitação dos textos dos estudantes, respeitando a grafia original de cada texto. Depois, foi feita a aplicação dos conceitos de forma lógica, explicatura e implicatura nos enunciados do livro trailer e das produções textuais.

Na análise das informações, levamos em consideração que, antes da produção textual, os estudantes assistiram ao livro trailer e, provavelmente, realizaram algumas suposições sobre essa produção audiovisual.

Após os procedimentos metodológicos, temos, na próxima seção, a análise do livro trailer com base na Teoria da Relevância.

4.2 ANÁLISE DO TRAILER “O CORTIÇO”

A relembrar, cabe ao gênero trailer despertar o interesse por aquilo que se anuncia. No caso do trailer do livro “O Cortiço”, de Aluísio de Azevedo (1890), ele apresenta os personagens, o cenário e alguns dos acontecimentos da história, dando ênfase aos

principais temas abordados no enredo, a saber: exploração, inveja, desejo, ira e desordem, indagando se o meio pode influenciar as ações do homem.

Figura 1 – Cenas do livro trailer “O Cortiço”.

Fonte: Youtube (2016).

Como se pode observar nessas cenas selecionadas, a produção audiovisual destaca aspectos relacionados à característica de um cortiço, ambiente no qual todo o enredo se desenvolve.

Abaixo, segue-se transcrição dos enunciados para posterior análise:

> **Narrador**: “Já àquela hora não se falava, gritava-se, sentia-se. Naquela fermentação sanguínea, naquela gula viçosa de plantas rasteiras que mergulham os pés vigorosos na lama preta, nutriente da vida, o prazer animal de existir. A triunfante satisfação de respirar sobre a terra”.
> **Rita Baiana**: “Albino, quem é aquele pedaço de homem?”

Albino: “Aquele lá é o Jerômo, Rita. Vai trabalhar na pedreira, o coitado”.
Jerônimo: “Seu João Romão, sou muito qualificado, não trabalho por menos de setenta mil réis”.
João Romão: “O que? Tá, tá. Mas, lhe pago isto apenas se morares aqui e comprares somente em minha venda”.
Jerônimo: “Ora, pois, não vejo porquê não”.
João Romão: “Bom, muito bom”.
Narrador: “Um reduto de exploração”.
João Romão: “Trabalhe com gosto, homem. Senão te mando embora. Este Jerônimo, só me faz lucrar. O ordenado dele voltará todo para minha venda”.
Bertoleza: “Seu João Romão, o senhor vai comprar minha alforria?”.
João Romão: “É claro que vou, Bertoleza. (risos). Agora, termina logo essa janta, mulher”.
Narrador: “Inveja”.
João Romão: “O que? O Miranda ganhou o título de Barão do governo Português, e vai dar uma festa no sobrado dele? O Miranda? Eu não acredito!”.
Jerônimo: “Terra minha, que te adoro...”
Firmo: “Diabo de galego chato. Simbora por figa. Vamo lá, Firmo”. (samba)
Miranda: “Mas que supor de barulho, cães danados, agora eu sou o barão, ou se calam ou irei chamar a polícia!”.
Firmo: “Vai dormir, seu barulhento”.
Homem da roda de pagode: “Sai dae”.
Narrador: “Desejo”.
Firmo: “Olha só quem vem ai, rapaz”.
Homem da roda de pagode: “Olé. Bravo! É a Rita Baiana”.
Narrador: “Ira”.
Rita Baiana: “Ah, meu Jerômo”.
Jerônimo: “Bem, se quiseres estar comigo, durma perno demo”.
Firmo: “Ah, galego ordinário. Ta mexendo com a minha mulher. Ah, vou te mostrar.”
Rita Baiana: “Não, Firmo, não”
Policial: “Abram, abram. É a polícia”.
Narrador: “Desordem”.
Moradora 1: “Toma pirua choca”.
(Confusão)
Moradora 2: “Ó lá o doze ta queimando”.
Moradora 3: “Acudam, fogo, acudam, fogo, fogo... Por favor, alguém?”.
Policial: “Vamo entrar, abre!”.
Narrador: “Pode o meio determinar as ações do homem?”.

Conhecida a transcrição dos enunciados, tem-se a análise do livro trailer com base na Teoria da Relevância.

Na primeira cena (figura 2), o narrador contextualiza o cenário no qual a obra desenvolve-se. O som ambiente é tranquilo, melodia leve, destacando sons do cotidiano como o cantar do galo e dos passarinhos.

Figura 2 – Segundo 30 do livro trailer “O Cortiço”.

Fonte: Youtube (2016).

(1) “Já àquela hora não se falava, gritava-se, sentia-se. (2) Naquela fermentação sanguínea, naquela gula viçosa de plantas rasteiras que mergulham os pés vigorosos na lama preta, nutriente da vida, o prazer animal de existir. (3) A triunfante satisfação de respirar sobre a terra”.

Veja-se a análise do enunciado (1):

(1a) Forma linguística: Já àquela hora não se falava, gritava-se, sentia-se.
(1b) Forma lógica: ($\neg$falar x $\wedge$ gritar x $\wedge$ sentir x α_{lugar})
(1c) Explicatura: Já àquela hora [NO AMANHACER] Ø [AS PESSOAS] não se falava, Ø [AS PESSOAS] gritava-se, Ø [AS PESSOAS] sentia-se Ø [NO CORTIÇO].
(1d) Explicatura expandida: O NARRADOR AFIRMA QUE JÁ ÀQUELA HORA NO AMANHECER AS PESSOAS NÃO SE FALAVAM, AS PESSOAS GRITAVAM, AS PESSOAS SENTIAM-SE NO CORTIÇO.

(2a) Forma linguística: Naquela fermentação sanguínea, naquela gula viçosa de plantas rasteiras que mergulham os pés vigorosos na lama preta, nutriente da vida, o prazer animal de existir.
(2b) Forma lógica: (mergulhar x $\wedge$ existir α_{lugar})
(2c) Explicatura: Naquela fermentação sanguínea Ø [DE UM CORTIÇO], naquela gula viçosa de plantas rasteiras Ø [DE UM CORTIÇO] que mergulham os pés vigorosos na lama preta Ø [DE UM CORTIÇO], nutriente da vida, o prazer animal Ø [DAS PESSOAS] de existir.
(2d) Explicatura expandida: O NARRADOR AFIRMA QUE NAQUELA FERMENTAÇÃO SANGUÍNEA DE UM CORTIÇO, NAQUELA GULA VIÇOSA DE PLANTAS RASTEIRAS DE UM CORTIÇO QUE MERGULHAM OS PÉS VIGOROSOS NA LAMA PRETA DE UM CORTIÇO, NUTRIENTE DA VIDA, O PRAZER ANIMAL DAS PESSOAS DE EXISTIR.

(3a) Forma linguística: A triunfante satisfação de respirar sobre a terra.
(3b) Forma lógica: (respirar x α_{lugar})
(3c) Explicatura: A triunfante satisfação Ø [DAS PESSOAS] de respirar sobre a terra Ø [DE UM CORTIÇO].
(3d) Explicatura expandida: O NARRADOR FALA SOBRE A TRIUNFANTE SATISFAÇÃO DE AS PESSOAS RESPIRAREM SOBRE A TERRA DE UM CORTIÇO.

Os enunciados dos personagens estarão organizados da seguinte forma: primeiro, serão apresentados os elementos linguísticos; segundo, as formas lógicas subjacentes (as propostas necessárias serão indexadas por letras gregas); terceiro, para formar a explicatura, encontram-se aos preenchimentos das entradas lógicas; quarto, juntam-se as explicaturas com as apresentações que incluam a especificidade proposta.

Ademais, consideramos esta convenção: as remissões aos enunciados linguísticos serão apresentadas entre aspas duplas – "Cortiço"; as expressões linguísticas serão apresentadas entre aspas simples – 'cortiço'; as entradas enciclopédicas serão apresentadas em versalete – CORTIÇO; e as referências no mundo serão apresentadas sem qualquer indicativo – cortiço.

Com base nesse contexto inicial, podem-se projetar as seguintes suposições:

> S_1 – O narrador fala sobre a agitação num local onde as pessoas têm contato com a terra (*do input linguístico*);
> S_2 – O sol nasce (*do input visual*);
> S_3 – Uma senhora abre a janela e boceja (*do input visual*);
> S_4 – As pessoas lavam os rostos em torneiras nas ruas (*do input visual*);
> S_5 – As pessoas fazem filas para usar um banheiro na rua (*do input visual*);
> S_6 – Um garoto urina na rua (*do input visual*);
> S_7 – Há várias casas uma ao lado da outra (*do input visual*);
> S_8 – $S_1 \wedge S_2$ $S_3 \wedge S_4$ $S_5 \wedge S_6$ $S_7 \rightarrow S_9$ (*por modus ponens conjuntivo*);
> S_9 – O narrador provavelmente está descrevendo o amanhecer em uma habitação coletiva (*conclusão implicada*);
> S_{10} – Cortiços são habitações coletivas (*suposição factual*);
> S_{11} – $S_{10} \rightarrow S_{12}$ (*por modus ponens conjuntivo*);
> S_{12} – O narrador provavelmente está descrevendo um cortiço (*conclusão implicada*).

Na cena seguinte (figura 3), Rita Baiana questiona Albino sobre a identidade de alguém. Ao fundo, algumas falas quase imperceptíveis pela familiarização do cotidiano.

> (4) "Albino, quem é aquele pedaço de homem?".
>
> (4a) Forma linguística: Albino, quem é aquele pedaço de homem?[1]
> (4d) Explicatura expandida: RITA BAIANA QUESTIONA ALBINO SOBRE QUEM É AQUELE HOMEM PEDAÇO DE HOMEM.

[1] Para efeitos de simplificação, apresentamos apenas as versões (a) e (d).

Figura 3 – Segundo 53 do livro trailer “O Cortiço”.

Fonte: Youtube (2016).

Esse contexto permite-nos projetar as seguintes suposições:

> S_1 – Rita Baiana pergunta a Albino quem é aquele pedaço de homem (*do input linguístico*);
> S_2 – Pessoas atraentes são consideradas pessoas de homem (*suposição factual*);
> S_3 – $S_1 \wedge S_2 \rightarrow S_4$ (*por modus ponens conjuntivo*);
> S_4 – Rita Baiana provavelmente está interessada por esse homem (*conclusão implicada*).

Na cena seguinte (figura 4), Albino responde a Rita que aquele homem é o Jerônimo e que ele vai trabalhar na pedreira.

> (5) “Aquele lá é o Jerômo, Rita. (6) Vai trabalhar na pedreira, o coitado”.
>
> (5a) Forma linguística: Aquele lá é o Jerômo, Rita.
> (5d) Explicatura expandida: ALBINO AFIRMA A RITA QUE AQUELE HOMEM LÁ NO CORTIÇO É O JERÔNIMO.
>
> (6a) Forma linguística: Vai trabalhar na pedreira, o coitado.
> (6d) Explicatura expandida: ALBINO AFIRMA A RITA QUE O JERÔNIMO VAI TRABALHAR NA PEDREIRA E QUE O JERÔNIMO É UM COITADO.

Figura 4 - Segundo 57 do livro trailer “O Cortiço”.

Fonte: Youtube (2016).

Esse contexto permite-nos projetar as seguintes suposições:

> S_1 – Albino responde a Rita Baiana que o homem é o Jerônimo e que ele vai trabalhar na pedreira; (*do input linguístico*);
> S_2 – $S_1 \wedge S_2 \rightarrow S_3$ (*por modus ponens conjuntivo*);
> S_4 – Albino conhece Jerônimo (*conclusão implicada*).

Na cena seguinte (figura 5), Jerônimo diz a João Romão que não trabalhará por menos de 70 contos de réis, porque é muito qualificado.

> (7) "Seu João Romão, sou muito qualificado, não trabalho por menos de setenta mil réis".
>
> (7a) Forma linguística: Seu João Romão, sou muito qualificado, não trabalho por menos de setenta mil réis.
> (7d) Explicatura expandida: JERÔNIMO REPONDE A JOÃO ROMÃO QUE JERÔNIMO É TRABALHADOR MUITO QUALIFICADO E QUE, POR JERÔNIMO SER UM TRABALHADOR MUITO QUALIFICADO, JERÔNIMO NÃO TRABALHA NA PEDREIRA POR MENOS DE SETENTA MIL RÉIS.

Figura 5– Minuto 1, segundo 3 do livro trailer "O Cortiço".

Fonte: Youtube (2016).

Esse contexto permite-nos projetar as seguintes suposições:

> S_1 – Jerônimo diz a João Romão que Jerônimo é um trabalhador muito qualificado e que, por Jerônimo ser um trabalhador muito qualificado, Jerônimo não trabalha na pedreira por menos de 70 mil réis. (*do input linguístico*);
> S_2 – Pessoas qualificadas geralmente ganham bem. (*suposição factual*);
> S_3 – $S_1 \wedge S_2 \rightarrow S_4$ (*por modus ponens conjuntivo*);
> S_4 – 70 mil réis provavelmente é um bom salário. (*conclusão implicada*).

Na cena seguinte (figura 6), João Romão surpreende-se com valor dos serviços de Jerônimo, mas aceita impondo a condição de que ele more no cortiço e compre apenas em sua venda.

> (7) "O que? Tá, tá. Mas, lhe pago isto apenas se morares aqui e comprares somente em minha venda".
>
> (7a) Forma linguística: O que? Tá, tá. Mas, lhe pago isto apenas se morares aqui e comprares somente em minha venda.
> (7d) Explicatura expandida: JOÃO ROMÃO QUESTIONA JERÔNIMO SOBRE O QUE JERÔNIMO DISSE E AFIRMA PARA JERÔNIMO QUE JOÃO ROMÃO PAGARÁ 70 MIL RÉIS A JERÔNIMO PARA O SERVIÇO NA PEDREIRA DE JOÃO ROMÃO SE JERÔNIMO MORAR NO CORTIÇO E SE JERÔNIMO COMPRAR MANTIMENTOS APENAS NA VENDA DE JOÃO ROMÃO NO CORTIÇO.

Figura 6 – Minuto 1, segundo 9 do livro trailer "O Cortiço".

Fonte: Youtube (2016).

Esse contexto permite-nos projetar as seguintes suposições:

> S_1 – João Romão surpreende-se com a quantia que Jerônimo pede, impondo uma condição (*do input linguístico*);
> S_2 – $S_1 \wedge S_2 \rightarrow S_3$ (*por modus ponens*);
> S_3 – João Romão só pagará o valor solicitado caso Jerônimo cumpra com a condição similar à escravidão. (*conclusão implicada*).

Na cena seguinte (figura 7), Jerônimo aceita a condição de João Romão.

> (8) "Ora, pois, não vejo por que não".
>
> (8a) Forma linguística: Ora, pois, não vejo por que não.
> (8d) Explicatura expandida: JERÔNIMO AFIRMA A JOÃO ROMÃO QUE JERÔNIMO NÃO VÊ POR QUE NÃO ACEITAR A SOLICITAÇÃO DE JOÃO ROMÃO DE JERÔNIMO MORAR NO CORTIÇO E DE JERÔNIMO COMPRAR APENAS NA VENDA DE JOÃO ROMÃO NO CORTIÇO.

(9) “Bom, muito bom”.

(9a) Forma linguística: Bom, muito bom.
(9d) Explicatura expandida: JOÃO ROMÃO AFIRMA A JERÔNIMO QUE O FATO DE JERÔNIMO TER ACEITO A PROPOSTA DE JOÃO ROMÃO DE JERÔNIMO MORAR NO CORTIÇO E DE JERÔNIMO COMPRAR APENAS NA VENDA DE JOÃO ROMÃO NO CORTIÇO É ALGO MUITO BOM PARA JOÃO ROMÃO E JERÔNIMO.

Figura 7 – Minuto 1, segundo 17 do livro trailer “O Cortiço”.

Fonte: Youtube (2016).

Esse contexto permite-nos projetar as seguintes suposições:

S_1 – Jerônimo aceita a condição de João Romão (*do input linguístico*);
S_2 – Pessoas que aceitam estão de acordo (*suposição factual*);
S_3 – $S_1 \wedge S_2 \rightarrow S_4$ (*por modus ponens conjuntivo*);
S_4 – Provavelmente Jerônimo está de acordo com a solicitação de João Romão. (*conclusão implicada*).

S_1 – João Romão fica satisfeito com a resposta de Jerônimo (*do input linguístico*);
S_2 – $S_1 \rightarrow S_3$ (*por modus ponens*);
S_3 – Provavelmente João Romão desejava que Jerônimo aceitasse a proposta de João Romão. (*conclusão implicada*).

Na cena seguinte (figura 8), o narrador aponta uma das características do ambiente: a exploração. O som ambiente se intensifica, mostrando-se em tom de suspense.

(10) “Um reduto de exploração”.

(10a) Forma linguística: Um reduto de exploração.
(10d) Explicatura expandida: O NARRADOR AFIRMA QUE O CORTIÇO É UM REDUTO DE EXPLORAÇÃO DE PESSOAS.

Figura 8 – Minuto 1, segundo 26 do livro trailer “O Cortiço”.

Fonte: Youtube (2016).

Esse contexto permite-nos projetar as seguintes suposições:

> S_1 – O narrador diz que o cortiço é um reduto de exploração de pessoas (*do input linguístico*);
> S_2 – Redutos de exploração geralmente vem acompanhado de escravidão (*suposição factual*);
> S_3 – $S_1 \wedge S_2 \rightarrow S_4$ (*por modus ponens conjuntivo*);
> S_4 – O cortiço provavelmente deve ser um ambiente com escravos (*conclusão implicada*).

Na cena seguinte (figura 9), João Romão diz para Jerônimo trabalhar com gosto, para não ser demitido. Ao fundo, tem-se o som das pedras sendo quebradas.

> (11) “Trabalhe com gosto, homem. (12) Senão te mando embora. (13) Este Jerônimo, só me faz lucrar. (14) O ordenado dele voltará todo para minha venda”.
>
> (11a) Forma linguística: Trabalhe com gosto, homem.
> (11d) Explicatura expandida: JOÃO ROMÃO ORDENA A JERÔNIMO QUE JERÔNIMO TRABALHE COM GOSTO NA PEDREIRA DE JOÃO ROMÃO.
>
> (12a) Forma linguística: Senão te mando embora.
> (12d) Explicatura expandida: JOÃO ROMÃO AFIRMA QUE SE JERÔNIMO NÃO TRABALHAR COM GOSTO NA PEDREIRA DE JOÃO ROMÃO, JOÃO ROMÃO MANDARÁ JERÔNIMO EMBORA.
>
> (13a) Forma linguística: Este Jerônimo, só me faz lucrar.
> (13d) Explicatura expandida: JOÃO ROMÃO AFIRMA QUE JERÔNIMO SÓ DÁ LUCRO A JOÃO ROMÃO.
>
> (14a) Forma linguística: O ordenado dele voltará todo para minha venda.
> (14d) Explicatura expandida: JOÃO ROMÃO AFIRMA QUE O ORDENADO DE JERÔNIMO VOLTARÁ TODO PARA A VENDA DE JOÃO ROMÃO NO CORTIÇO.

Figura 9 – Minuto 1, segundo 28 do livro trailer “O Cortiço”.

Fonte: Youtube (2016).

Esse contexto permite-nos projetar as seguintes suposições:

> S_1 – João Romão manda Jerônimo trabalhar com gosto e fala sobre o lucro que Jerônimo dá a João Romão. (*do input linguístico*);
> S_2 – O bom empregado dá lucro ao empregador. (*suposição factual*);
> S_3 – $S_1 \wedge S_2 \rightarrow S_4$ (*por modus ponens conjuntivo*);
> S_4 – Jerônimo provavelmente é um bom empregado de João Romão. (*conclusão implicada*).

Na cena seguinte (figura 10), Bertoleza, escrava e amante de João Romão, pergunta se ele comprará a alforria dela. Neste ponto retoma o som de suspense.

> (15) “Seu João Romão, o senhor vai comprar minha alforria?”
>
> (15a) Forma linguística: Seu João Romão, o senhor vai comprar minha alforria?
> (15d) Explicatura expandida: BERTOLEZA PERGUNTA A JOÃO ROMÃO SE JOÃO ROMÃO NÃO VAI COMPRAR A ALFORRIA DE BERTOLEZA.

Figura 10 – Minuto 1, segundo 45 do livro trailer “O Cortiço”.

Fonte: Youtube (2016).

Esse contexto permite-nos projetar as seguintes suposições:

> S_1 – Bertoleza pergunta a João Romão se João Romão comprará a alforria de Bertoleza (*do input linguístico*);
> S_2 – Alforria é o ato pelo qual um proprietário de escravos liberta os seus próprios escravos (*suposição factual*);
> S_3 – $S_1 \wedge S_2 \rightarrow S_4$ (por *modus ponens conjuntivo*);
> S_4 – Bertoleza é escrava. (*conclusão implicada*).

Na cena seguinte (figura 11), João Romão responde que irá comprar a alforria de Bertoleza. E pede para que ela termine de fazer a comida.

> (16) “É claro que vou, Bertoleza. (17) Agora, termina logo essa janta, mulher.”.
>
> (16a) Forma linguística: É claro que vou, Bertoleza.
> (16d) Explicatura expandida: JOÃO ROMÃO RESPONDE A BERTOLEZA QUE É CLARO QUE JOÃO ROMÃO VAI COMPRAR A ALFORRIA DE BERTOLEZA.
>
> (17a) Forma linguística: Agora, termina logo essa janta, mulher.
> (17d) Explicatura expandida: JOÃO ROMÃO ORDENA QUE AGORA QUE BERTOLEZA JÁ SABE QUE JOÃO ROMÃO VAI COMPRAR A ELFORRIA DE BERTOLEZA, BERTOLEZA DEVE TERMINAR LOGO O JANTAR QUE BERTOLEZA ESTÁ FAZENDO PARA JOÃO ROMÃO.

Figura 11 – Minuto 1, segundo 48 do livro trailer “O Cortiço”.

Fonte: Youtube (2016).

Esse contexto permite-nos projetar as seguintes suposições:

S_1 – João Romão comprará a alforria de Bertoleza (*do input linguístico*);
S_2 – A compra da alforria liberta o escravo (*suposição factual*);
S_3 – $S_1 \wedge S_2 \rightarrow S_4$ (*por modus ponens conjuntivo*);
S_4 – Provavelmente Bertoleza será livre. (*conclusão implicada*).

Na cena seguinte (figura 12), o narrador destaca outra característica do cortiço, a inveja. O som de suspense se intensifica com a fala do narrador.

(18) “Inveja”.

(18a) Forma linguística: Inveja.
(18d) Explicatura expandida: O NARRADOR AFIRMA QUE O CORTIÇO É UM LUGAR ONDE HÁ INVEJA.

Figura 12 – Minuto 1, segundo 54 do livro trailer “O Cortiço”.

Fonte: Youtube (2016).

Esse contexto permite-nos projetar as seguintes suposições:

> S_1 – O narrador cita a inveja como característica de um cortiço (*do input linguístico*);
> S_2 – $S_1 \wedge S_2 \rightarrow S_3$ (*por modus ponens*);
> S_3 – Provavelmente há inveja no cortiço retratado no enredo. (*conclusão implicada*).

Na cena seguinte (figura 13), João Romão não acredita que o Miranda ganhou o título de Barão e fica com mais inveja ao saber que Miranda dará uma festa na casa dele.

> (19) "O quê? (20) O Miranda ganhou o título de Barão do governo Português, e vai dar uma festa no sobrado dele? (21) O Miranda? (22) Eu não acredito!"
>
> (19a) Forma linguística: O quê?
> (19d) Explicatura expandida: JOÃO ROMÃO QUESTIONA A JOÃO ROMÃO O QUÊ MIRANDA GANHOU.
>
> (20a) Forma linguística: O Miranda ganhou o título de Barão do governo Português, e vai dar uma festa no sobrado dele?
> (20d) Explicatura expandida: JOÃO ROMÃO QUESTIONA A JOÃO ROMÃO SE MIRANDA GANHOU O TÍTULO DE BARÃO DO GOVERNO PORTUGUÊS E SE MIRANDA DARÁ UMA FESTA PARA COMEMORAR O TÍTULO NO SOBRADO DE MIRANDA.
>
> (21a) Forma linguística: O Miranda?
> (21d) Explicatura expandida: JOÃO ROMÃO QUESTIONA SE O MIRANDA GANHOU O TÍTULO DE BARÃO DO GOVERNO PORTUGUÊS E QUE MIRANDA DARÁ UMA FESTA PARA COMEMORAR O TÍTULO NO SOBRADO DE MIRANDA.
>
> (22a) Forma linguística: Eu não acredito!
> (22d) Explicatura expandida: JOÃO ROMÃO AFIRMA NÃO ACREDITAR QUE MIRANDA GANHOU O TÍTULO DE BARÃO DO GOVERNO PORTUGUÊS E QUE MIRANDA DARÁ UMA FESTA PARA COMEMORAR O TÍTULO NO SOBRADO DE MIRANDA.

Figura 13 – Minuto 1, segundo 57 do livro trailer "O Cortiço".

Fonte: Youtube (2016).

Esse contexto permite-nos projetar as seguintes suposições:

S_1 – João Romão descobre que o Miranda ganhou o título de barão e que dará uma festa na casa de Miranda (*do input linguístico*);
S_2 – João Romão tem inveja de Miranda (*suposição factual*);
S_3 – $S_1 \wedge S_2 \rightarrow S_4$ (*por modus ponens conjuntivo*);
S_4 – João Romão não fica feliz com o título ganho por Miranda (*conclusão implicada*);
S_5 – $S_4 \rightarrow S_6$ (*por modus ponens conjuntivo*);
S_6 – João Romão não gosta de Miranda (*conclusão implicada*).

Na cena seguinte (figura 14), aparece Jerônimo cantando. Ao fundo, tem-se o som de um instrumento de cordas, que acompanha a letra da música.

(23) "Terra minha, que te adoro".

(23a) Forma linguística: Terra minha, que te adoro.
(23d) Explicatura expandida: JERÔNIMO CANTA PARA A TERRA DE JERÔNIMO QUE É PORTUGAL E JERÔNIMO AFIRMA ADORAR PORTUGAL.

Figura 14 – Minuto 2, segundo 10 do livro trailer "O Cortiço".

Fonte: Youtube (2016).

Esse contexto permite-nos projetar as seguintes suposições:

S_1 – Jerônimo canta música sobre sua terra natal (*do input linguístico*);
S_2 – Jerônimo adora sua terra natal (*do input linguístico*);
S_3 – Jerônimo é natural de Portugal (*suposição factual*);
S_4 – Jerônimo reside no Brasil (*suposição factual*);
$S_5 \wedge S_1 \wedge S_2 \wedge S_3 \wedge S_4 \rightarrow S_6$ (*por modus ponens conjuntivo*);
S_5 – Jerônimo provavelmente sente saudades de Portugal (*conclusão implicada*).

Na cena seguinte (figura 15), Firmo insulta Jerônimo e, na sequência, puxa seus amigos para a roda de samba.

(24) “Diabo de galego chato. (25) Simbora por figa”.

(24a) Forma linguística: Diabo de galego chato.
(24d) Explicatura expandida: FIRMO AFIRMA QUE JERÔNIMO É UM DIABO DE GALEGO CHATO.

(25a) Forma linguística: Simbora por figa.
(25d) Explicatura expandida: FIRMO CONVIDA OS RAPAZES DA RODA DE SAMBA PARA DANÇAR NA RODA DE SAMBA.

Figura 15 – Minuto 2, segundo 19 do livro trailer “O Cortiço”.

Fonte: Youtube (2016).

Esse contexto permite-nos projetar as seguintes suposições:

S_1 – Firmo insulta Jerônimo (*do input linguístico*);
S_2 – Geralmente quando uma pessoa insulta a outra é porque não gosta dela (*suposição factual*);
S_3 – $S_1 \wedge S_2 \rightarrow S_4$ (*por modus ponens conjuntivo*);
S_4 – Firmo provavelmente não gosta de Jerônimo (*conclusão implicada*).

Na cena seguinte (figura 16), os amigos de Firmo convidam-no para dançar.

(26) “Vamo lá, Firmo”.
(26a) Forma linguística: Vamo lá, Firmo.
(26d) Explicatura expandida: UM AMIGO DE FIRMO CONVIDA FIRMO PARA IR PARA RODA DE SAMBA DANÇAR.

Figura 16 – Minuto 2, segundo 22 do livro trailer “O Cortiço”.

Fonte: Youtube (2016).

Esse contexto permite-nos projetar as seguintes suposições:

> S_1 – Os amigos de Firmo incentivam-no a dançar na roda de samba (*do input linguístico*);
> S_2 – Roda de samba é um local alegre (*suposição factual*);
> S_3 – $S_1 \wedge S_2 \rightarrow S_4$ (*por modus ponens conjuntivo*);
> S_4 – Os amigos de Firmo provavelmente desejam que ele se divirta (*conclusão implicada*).

Na cena seguinte (figura 17), o Miranda aparece na sacada do seu sobrado reclamando da música da roda de samba.

> (27) “Mas que supor de barulho, cães danados, agora eu sou o barão, ou se calam ou irei chamar a polícia!”
>
> (27a) Forma linguística: Mas que supor de barulho, cães danados, agora eu sou o barão, ou se calam ou irei chamar a polícia!
> (27d) Explicatura expandida: MIRANDA AFIRMA NÃO GOSTAR DO BARULHO, MIRANDA CHAMA OS RAPAZES DA RODA DE SAMBA DE CÃES DANADOS E MIRANDA AFIRMA QUE, AGORA QUE MIRANDA É BARÃO, OS GAROTOS DA RODA DE SAMBA OU SE CALAM OU MIRANDA IRÁ CHAMAR A POLÍCIA PARA ACABAR COM A RODA DE SAMBA.

Figura 17 – Minuto 2, segundo 41 do livro trailer “O Cortiço”.

Fonte: Youtube (2016).

Esse contexto permite-nos projetar as seguintes suposições:

S_1 – Miranda reclamada do barulho da roda de samba de Firmo (*do input linguístico*);
S_2 – Pessoas reclamadoras estão incomodadas (*suposição factual*);
S_3 – $S_1 \wedge S_2 \rightarrow S_4$ (*por modus ponens conjuntivo*);
S_4 – Se uma pessoa reclama é porque está incomodada com algo (*conclusão implicada*);
S_5 – $S_4 \rightarrow S_6$ (*por modus ponens*);
S_6 – Provavelmente Miranda está incomodado com a roda de samba de Firmo. (*conclusão implicada*).

Na cena seguinte (figura 18), os moradores do cortiço que estavam na roda de samba revidam os gritos de Miranda.

(28) “Vai dormir, seu barulhento!”. (29) “Sai daí”.

(28a) Forma linguística: Vai dormir, seu barulhento!
(28d) Explicatura expandida: FIRMO DIZ PARA O MIRANDA IR DORMIR E QUE MIRANDA É UM BARULHENTO.

(29a) Forma linguística: Sai daí.
(29d) Explicatura expandida: FIRMO DIZ PARA O MIRANDA SAIR DA SACADA E PARA O MIRANDA PARAR INCOMODAR TODOS DA RODA DE SAMBA.

Figura 18 – Minuto 2, segundo 50 do livro trailer “O Cortiço”.

Fonte: Youtube (2016).

Esse contexto permite-nos projetar as seguintes suposições:

S_1 – Firmo grita com Miranda (*do input linguístico*);
S_2 – $S_1 \rightarrow S_3$ (*por modus ponens*);
S_3 – Firmo provavelmente está incomodado com Miranda (*conclusão implicada*).

Na cena seguinte (figura 19), o narrador destaca outra característica que norteia o cortiço: o desejo. O som intensifica-se na fala do narrador acentuando mistério.

(30) “Desejo”.

(30a) Forma linguística: “Desejo”
(30d) Explicatura expandida: O NARRADOR AFIRMA QUE O CORTIÇO É UM LUGAR ONDE HÁ DESEJO.

Figura 19 – Minuto 2, segundo 59 do livro trailer “O Cortiço”.

Fonte: Youtube (2016).

Esse contexto permite-nos projetar as seguintes suposições:

> S_1 – O narrador cita o desejo como característica de um cortiço (*do input linguístico*);
> S_2 – $S_1 \wedge S_2 \rightarrow S_3$ (*por modus ponens*);
> S_4 – Provavelmente há desejo no cortiço retratado no enredo (*conclusão implicada*).

Na sequência, Firmo e um homem da roda de samba conversam sobre Rita Baiana que está chegando a roda de samba.

> (31) "Olha só quem vem aí, rapaz".
>
> (31a) Forma linguística: Olha só quem vem ai, rapaz.
> (31d) Explicatura expandida: FIRMO FALA AO RAPAZ DA RODA DE SAMBA QUE RITA BAIANA ESTÁ VINDO PARA A RODA DE SAMBA.
>
> (32) "Olé. Bravo! É a Rita Baiana".
>
> (32a) Forma linguística: Olé. Bravo! É a Rita Baiana.
> (32d) Explicatura expandida: FIRMO FALA AO RAPAZ DA RODA DE SAMBA QUE RITA BAIANA ESTÁ VINDO PARA A RODA DE SAMBA.

Na cena seguinte (figura 20), Rita Baiana aparece dançando com Firmo.

Figura 20 – Minuto 3, segundo 9 do livro trailer "O Cortiço".

Fonte: Youtube (2016).

Esse contexto permite-nos projetar as seguintes suposições:

> S_1 – Firmo dança com Rita Baiana (*do input visual*);
> S_2 – Dançar sugere empatia pelo parceiro (*suposição factual*);
> S_3 – $S_1 \wedge S_2 \rightarrow S_4$ (*por modus ponens conjuntivo*);
> S_4 – Firmo provavelmente gosta da Rita Baiana (*conclusão implicada*).

Na sequência (figura 21), o narrador destaca a ira como outro tema que norteia o ambiente do cortiço.

(33) “Ira”.

(33a) Forma linguística: Ira.
(33d) Explicatura expandida: O NARRADOR AFIRMA QUE O CORTIÇO É UM LUGAR ONDE HÁ IRA.

Figura 21 – Minuto 3, segundo 17 do livro trailer “O Cortiço”.

Fonte: Youtube (2016).

Esse contexto permite-nos projetar as seguintes suposições:

S_1 – O narrador cita a ira como característica de um cortiço. (*do input linguístico*);
S_2 – Geralmente ambientes de ira têm brigas. (*suposição factual*);
S_3 – $S_1 \wedge S_2 \rightarrow S_4$ (*por modus ponens conjuntivo*);
S_4 – O cortiço provavelmente tem brigas. (*conclusão implicada*).

Na cena seguinte (figura 22), surge Rita Baiana suspirando encantada por Jerônimo.

(34) “Ah, meu Jerômo”.

(34a) Forma linguística: Ah, meu Jerônimo.
(34d) Explicatura expandida: RITA BAIANA SUSPIRA E AFIRMA QUE O JERÔNIMO É DE RITA BAIANA.

Figura 22 – Minuto 3, segundo 20 do livro trailer “O Cortiço”.

Fonte: Youtube (2016).

Esse contexto permite-nos projetar as seguintes suposições:

S_1 – Rita Baiana suspira encantada por Jerônimo (*do input visual*);
S_2 – Geralmente quando alguém suspira por outra pessoa é porque está interessada (*suposição factual*);
S_3 – $S_1 \wedge S_2 \rightarrow S_4$ (*por modus ponens conjuntivo*);
S_4 – Rita Baiana provavelmente está interessada em Jerônimo (*conclusão implicada*).

Na cena seguinte (figura 23), Jerônimo faz uma proposta a Rita Baiana.

(35) “Bem, se quiseres estar comigo, durma ‘perno demo’”.

(35a) Forma linguística: Bem, se quiseres estar comigo, durma perno demo.
(35d) Explicatura expandida: JERÔNIMO AFIRMA QUE SE RITA BAIANA QUISER ESTAR COM JERÔNIMO, RITA BAIANA DEVE DORMIR ‘PERNO DEMO’.

Figura 23 – Minuto 3, segundo 24 do livro trailer “O Cortiço”.

Fonte: Youtube (2016).

Esse contexto permite-nos projetar as seguintes suposições:

S_1 – Jerônimo impõe uma condição para ficar com Rita Baiana (*do input linguístico*);
S_2 – Condições implicam concordância se o trato for cumprido (*suposição factual*);
S_3 – $S_1 \wedge S_2 \rightarrow S_4$ (*por modus ponens conjuntivo*);
S_4 – Rita Baiana e Jerônimo provavelmente ficarão juntos se Rita Baiana cumprir com a condição imposta por Jerônimo (*conclusão implicada*).

Na cena seguinte (figura 24), Firmo vê Jerônimo conversando com Rita Baiana.

(36) "Ah, galego ordinário. (37) Tá mexendo com a minha mulher. (38) Ah, vou te mostrar".

(36a) Forma linguística: Ah, galego ordinário.
(36d) Explicatura expandida: FIRMO CHAMA JERÔNIMO DE GALEGO ORDINÁRIO.

(37a) Forma linguística: Tá mexendo com a minha mulher.
(37d) Explicatura expandida: FIRMO AFIRMA QUE JERÔNIMO ESTÁ MEXENDO COM A MULHER DE FIRMO QUE É RITA BAIANA.

(38a) Forma linguística: Ah, vou te mostrar.
(38d) Explicatura expandida: FIRMO AFIRMA A JERÔNIMO QUE VAI MOSTRAR PARA JERÔNIMO QUE JERÔNIMO NÃO DEVE MEXER COM A MULHER DE FIRMO QUE É RITA BAIANA.

Figura 24 – Minuto 3, segundo 29 do livro trailer "O Cortiço".

Fonte: Youtube (2016).

Esse contexto permite-nos projetar as seguintes suposições:

S_1 – Firmo insulta e ameaça Jerônimo por flertar com a mulher de Firmo (*do input linguístico*);
S_2 – Jerônimo está flertando com Rita Baiana (*do input visual e linguístico*);
S_3 – $S_1 \wedge S_2 \rightarrow S_4$ (*por modus ponens conjuntivo*);

S_4 – Firmo provavelmente é casado com Rita Baiana (*conclusão implicada*).

Na cena seguinte (figura 25), Rita Baiana grita tentando impedir Firmo.

(39) “Não, Firmo, não”.

(39) Forma linguística: Não Firmo, não.
(39d) RITA BAIANA PEDE QUE FIRMO NÃO FAÇA NADA CONTRA JERÔNIMO.

Figura 25 – Minuto 3, segundo 36 do livro trailer “O Cortiço”.

Fonte: Youtube (2016).

Esse contexto permite-nos projetar as seguintes suposições:

S_1 – Rita Baiana tenta impedir que Firmo esfaqueie Jerônimo (*do input linguístico*);
S_2 – $S_1 \rightarrow S_3$ (*por modus ponens*);
S3 – Rita Baiana provavelmente se preocupa com Jerônimo (*conclusão implicada*).

Na cena seguinte (figura 26), a polícia aparece no cortiço.

(40) “Abram, abram, é a polícia!”

(40) Forma linguística: “Abram, abram, é a polícia!”
(40) Explicatura expandida: OS POLICIAIS GRITAM PARA QUE OS MORADORES ABRAM OS PORTÕES DO CORTIÇO.

Figura 26 – Minuto 3, segundo 40 do livro trailer “O Cortiço”.

Fonte: Youtube (2016).

Esse contexto permite-nos projetar as seguintes suposições:

S_1 – A polícia exige que os portões do cortiço sejam abertos (*do input linguístico*);
S_2 – É função da polícia impedir que crimes sejam cometidos (*suposição factual*);
S_3 – $S_1 \wedge S_2 \rightarrow S_4$ (*por modus ponens conjuntivo*);
S_4 – A polícia provavelmente está tentando entrar no cortiço para proteger os moradores (*conclusão implicada*).

Na cena seguinte (figura 27), o narrador destaca outro tema do cortiço: a desordem.

(41) “Desordem”.

(41a) Forma linguística: Desordem.
(41d) Explicatura expandida: O NARRADOR AFIRMA QUE O CORTIÇO É UM LUGAR ONDE HÁ DESORDEM.

Figura 27 – Minuto 3, segundo 44 do livro trailer “O Cortiço”.

Fonte: Youtube (2016).

Esse contexto permite-nos projetar as seguintes suposições:

> S_1 – O narrador cita a desordem como característica de um cortiço (*do input linguístico*);
> S_2 – Geralmente ambientes de desordem têm alvoroço (*suposição factual*);
> S_3 – $S_1 \wedge S_2 \rightarrow S_4$ (*por modus ponens conjuntivo*);
> S_4 – O cortiço provavelmente é um ambiente com alvoroço (*conclusão implicada*).

Na cena seguinte (figura 28), há uma confusão entre os moradores do cortiço.

> (42) "Toma pirua choca.".
>
> (42a) Forma linguística: Toma pirua choca.
> (42d) Explicatura expandida: MORADORA 1 DO CORTIÇO BATE NA MORADORA 2 DO CORTIÇO E CHAMA A MORADORA 2 DO CORTIÇO DE PIRUA CHOCA.

Figura 28 – Minuto 3, segundo 47 do livro trailer "O Cortiço".

Fonte: Youtube (2016).

Esse contexto permite-nos projetar as seguintes suposições:

> S_1 – Moradora 1 bate em moradora 2 do cortiço (*do input linguístico e visual*);
> S_2 – Agressões indicam desgosto (*suposição factual*);
> S_3 – $S_1 \wedge S_2 \rightarrow S_4$ (*por modus ponens conjuntivo*);
> S_4 – A moradora 1 do cortiço provavelmente não gosta da moradora 2 (*conclusão implicada*).

Na cena seguinte (figura 29), no meio da confusão, uma moradora nota que uma casinha do cortiço está pegando fogo.

> (43) "Ó lá, o doze tá queimando".

(43) Forma linguística: Ó lá o doze tá queimando.
(43) Explicatura expandida: A MORADORA 3 DO CORTIÇO DIZ PARA OS DEMAIS MORADORES DO CORTIÇO QUE A CASA 12 DO CORTIÇO ESTÁ QUEIMANDO.

Figura 29 – Minuto 3, segundo 51 do livro trailer "O Cortiço".

Fonte: Youtube (2016).

Esse contexto permite-nos projetar as seguintes suposições:

S_1 – Moradora 3 do cortiço avisa que a casa doze do cortiço está queimando (*do input linguístico e visual*);
S_2 – Incêndios destroem casas (*suposição factual*);
S_3 – $S_1 \wedge S_2 \rightarrow S_4$ (*por modus ponens conjuntivo*);
S_4 – A casa 12 está sendo destruída pelo fogo (*conclusão implicada*).

Na cena seguinte (figura 30), um casal de moradores, que está preso na casa 12, pede socorro.

(44) "Acudam, fogo, acudam, fogo, fogo... Por favor, alguém?".

(44a) Forma linguística: Acudam, fogo, acudam, fogo, fogo... Por favor, alguém?
(44d) Explicatura expandida: O CASAL DE MORADORES DA CASA 12 DO CORTIÇO PEDE PARA QUE OS DEMAIS MORADORES DO CORTIÇO ACUDAM O CASAL DE MORADORES DA CASA 12 DO CORTIÇO, POIS A CASA 12 ESTÁ PEGANDO FOGO.

Figura 30 – Minuto 3, segundo 53 do livro trailer “O Cortiço”.

Fonte: Youtube (2016).

Esse contexto permite-nos projetar as seguintes suposições:

S_1 – Um casal está preso na casa 12 e pede socorro (*do input linguístico e visual*);
S_2 – As pessoas geralmente pedem socorro quando estão precisando de ajuda (*suposição factual*);
S_3 – $S_1 \wedge S_2 \rightarrow S_4$ (*por modus ponens conjuntivo*);
S_4 – O casal provavelmente está precisando de ajuda (*conclusão implicada*).

Na cena seguinte (figura 31), a polícia tenta entrar no cortiço.

(45) “Vamo entrar, abre”.

(45a) Forma linguística: Vamo entrar, abre.
(45d) Explicatura expandida: OS POLICIAIS AFIRMAM QUE OS POLICIAIS IRÃO ENTRAR DE QUALQUER MODO NO CORTIÇO E OS POLICIAIS PEDEM PARA QUE OS MORADORES DO CORTIÇO ABRAM OS PORTÕES DO CORTIÇO.

Figura 31 – Minuto 3, segundo 58 do livro trailer “O Cortiço”.

Fonte: Youtube (2016).

Esse contexto permite-nos projetar as seguintes suposições:

S_1 – Os policiais desejam entrar no cortiço (*do input linguístico e visual*);
S_2 – Os portões do cortiço estão fechados (*do input visual*);
S_3 – $S_1 \wedge S_2 \rightarrow S_4$ (*por modus ponens conjuntivo*);
S_4 – Os policiais provavelmente terão que arrombar os portões (*conclusão implicada*).

Na cena seguinte (figura 32), o narrador questiona se o homem pode ser influenciado pelo meio em que vive.

(46) "Pode o meio determinar as ações do homem?".

(46a) Forma linguística: Pode o meio determinar as ações do homem?
(46d) Explicatura expandida: O NARRADOR QUESTIONA SE O CORTIÇO PODE DETERMINAR AS AÇÕES DO HOMEM.

Figura 32 – Minuto 4, segundo 03 do livro trailer "O Cortiço".

Fonte: Youtube (2016).

Esse contexto permite-nos projetar as seguintes suposições:

S_1 – O narrador questiona se o meio pode determinar as ações do homem (*do input linguístico*);
S_2 – O cortiço é um local onde acontecem coisas não tão bacanas (*suposição factual*);
S_3 – $S_1 \wedge S_2 \rightarrow S_4$ (*por modus ponens conjuntivo*);
S_4 – O narrador questiona se a convivência em um cortiço pode afetar o caráter de um homem (*conclusão implicada*).

4.3 ANÁLISE DAS PRODUÇÕES TEXTUAIS

Após análise da produção audiovisual da obra “O Cortiço”, nesta seção apresentam-se as análises das produções textuais com e sem contato ao livro trailer.

> Primeira produção textual (sem estratégia de ensino-aprendizagem)
>
> [1º Parágrafo] (1) Bom, devo dizer que me surpreendi com esta obra, sinceramente achei que ela seria completamente tediosa e trabalhosa de entender, mas ela se prova só um pouco entediante e até simples de se compreender.
>
> [2º Parágrafo] (2) O livro trata da escalada ao poder de João Romão, fazendo de tudo para conseguir o seu lugar no mundo, até mesmo sacrificando a sua mais do que leal companheira. (3) O livro demonstra o lado negro de ser humano, mostrando a ganância em sua mais pura fama, expondo o quanto um ser humano pode fazer apenas para chegar em um objetivo.
>
> [3º Parágrafo] (4) A rivalidade que João Romão cria conta Miranda mostra o quanto a inveja pode mover uma pessoa, e o quanto poder e fartura corompem os seres humanos, já que no final do livro João Romão deixa a sua “rivalidade” de lado e pede a mão da filha de Mirando em casamento.
>
> [4º Parágrafo] (5) A traição é bem explorada no livro e mostra que algumas pessoas não se importão de passar por cima de outras apenas para o seu próprio bem, no caso a traição do personagem principal contra sua companheira e amante, o traz a tona como pessoas podem ser monstruosas e frias para atingir o seu “nirvana”.
>
> [5º Parágrafo] (6) Falando da obra como um todo, ela é sim certamente entediante, ela consegue prender o leitor (ou pelo menos a mim) e pode ser até divertidas em algumas partes, além do final ser inesperado e, na minha opinião, espetacular, um final nada feliz é sempre um bom final.
>
> [6º Parágrafo] (7) Entenda que, este livro, não é nada infantil e provavelmente não deveria ser apresentado para adolescentes, mas não posso negar que é um livro interessante.

Apresentada a primeira produção textual da estudante, chamada ficcionalmente de Ana, sem contato com a produção audiovisual, segue abaixo a análise do primeiro enunciado.

> (1a) Forma linguística: Bom, devo dizer que me surpreendi com esta obra, sinceramente achei que ela seria completamente tediosa e trabalhosa de entender, mas ela se prova só um pouco entediante e até simples de se compreender
> (1d) Explicatura expandida: ANA AFIRMA QUE ANA SE SURPREENDEU COM A OBRA O CORTIÇO E QUE ANA SINCERAMENTE ACHOU QUE A OBRA O CORTIÇO SERIA COMPLETAMENTE TEDIOSA E TRABALHOSA DE ENTENDER, MAS QUE A OBRA O CORTIÇO SE PROVOU SÓ UM POUCO ENTEDIANTE E ATÉ SIMPLES DE ANA COMPREENDER.

No segundo parágrafo, Ana segue apresentando suas impressões em relação à obra.

> (2a) Forma linguística: O livro trata da escalada ao poder de João Romão, fazendo de tudo para conseguir o seu lugar no mundo, até mesmo sacrificando a sua mais do que leal companheira;
> (2d) Explicatura expandida: ANA AFIRMA QUE O LIVRO TRATA DA ESCALADA AO PODER DE JOÃO ROMÃO E QUE JOÃO ROMÃO FAZ DE TUDO PARA CONSEGUIR O LUGAR DE JOÃO ROMÃO NO MUNDO, ATÉ SACRIFICANDO BERTOLEZA QUE É A SUA MAIS DO QUE LEAL COMPANHEIRA.

Ainda no tange ao segundo parágrafo, Ana apresenta o que se segue:

> (3a) Forma linguística: O livro demonstra o lado negro de ser humano, mostrando a ganância em sua mais pura fama, expondo o quanto um ser humano pode fazer apenas para chegar em um objetivo;
> (3d) Explicatura expandida: ANA AFIRMA QUE O LIVRO O CORTIÇO DEMONSTRA O LADO NEGRO DO SER HUMANO, MOSTRANDO A GANÂNCIA EM SUA MAIS PURA FAMA, EXPONDO O QUANTO UM SER HUMANO PODE FAZER APENAS PARA CHEGAR EM UM OBJETIVO.

Já no terceiro parágrafo, Ana apresenta o enunciado (4):

> (4a) Forma linguística: A rivalidade que João Romão cria conta Miranda mostra o quanto a inveja pode mover uma pessoa, e o quanto poder e fartura corrompem os seres humanos, já que no final do livro João Romão deixa a sua "rivalidade" de lado e pede a mão da filha de Mirando em casamento;
> (4d) Explicatura expandida: ANA AFIRMA QUE A RIVALIDADE QUE JOÃO ROMÃO CRIA CONTRA MIRANDA MOSTRA O QUANTO A INVEJA PODE MOVER UMA PESSOA, E O QUANTO PODER E FORTUNA CORROMPEM OS SERES HUMANOS, JÁ QUE NO FINAL DO LIVRO O CORTIÇO JOÃO ROMÃO DEIXA A SUA "RIVALIDADE" CONTRA MIRANDA DE LADO E PEDE A MÃO DE ZULMIRA FILHA DE MIRANDA EM CASAMENTO.

Na sequência, Ana dá continuidade trazendo à tona a temática da traição:

> (5a) Forma linguística: A traição é bem explorada no livro e mostra que algumas pessoas não se importão de passar por cima de outras apenas para o seu próprio bem, no caso a traição do personagem principal contra sua companheira e amante, o traz a tona como pessoas podem ser monstruosas e frias para atingir o seu "nirvana";
> (5d) Explicatura expandida: ANA AFIRMA QUE A TRAIÇÃO É BEM EXPLORADA NO LIVRO O CORTIÇO E MOSTRA QUE ALGUMAS PESSOAS NÃO SE IMPORTAM DE PASSAR POR CIMA DE OUTRAS PESSOAS APENAS PARA O SEU PRÓPRIO BEM, NO CASO A TRAIÇÃO DO PERSONAGEM PRINCIPAL JOÃO ROMÃO CONTRA SUA COMPANHEIRA E AMANTE BERTOLEZA TRAZ À TONA COMO PESSOAS PODEM SER MONSTRUOSAS E FRIAS PARA ATINGIR O SEU "NIVARNA"

Nos demais enunciados, a aluna segue dando suas impressões pessoais sobre a obra:

> (6a) Forma linguística: Falando da obra como um todo, ela é sim certamente entediante, ela consegue prender o leitor (ou pelo menos a mim) e pode ser até divertidas em algumas partes, além do final ser inesperado e, na minha opinião, espetacular, um final nada feliz é sempre um bom final;

(6d) Explicatura expandida: ANA AFIRMA QUE A OBRA O CORTIÇO COMO UM TODO É SIM CERTAMENTE ENTEDIANTE, A OBRA O CORTIÇO CONSEGUE PRENDER O LEITOR (OU PELO MENOS A MIM ANA) E PODE SER ATÉ DIVERTIDA EM ALGUMAS PARTES, ALÉM DO FINAL SER INESPERADO E, NA OPINIÃO DE ANA, ESPETACULAR, UM FINAL NADA FELIZ É SEMPRE UM BOM FINAL.

Por fim, no último enunciado, Ana fala sobre a classificação etária do livro:

(7a) Forma linguística: Entenda que, este livro, não é nada infantil e provavelmente não deveria ser apresentado para adolescentes, mas não posso negar que é um livro interessante;
(7d) Explicatura expandida: ANA AFIRMA QUE LIVRO O CORTIÇO NÃO É NADA INFANTIL E PROVAVELMENTE NÃO DEVERIA SER APRESENTADO PARA ADOLESCENTES DO SEGUNDO ANO DO ENSINO MÉDIO, MAS ANA NÃO NEGA QUE LIVRO O CORTIÇO É INTERESSANTE.

Na sequência, apresenta-se a produção textual com a estratégia de ensino-aprendizagem, escrito pelo aluno chamado ficcionalmente de Pedro.

[1º Parágrafo] (1) O livro conta a história de um homem muito trabalhador, e muito mão-de-vaca, que era amigo de uma escrava, também, muito trabalhadora, esse homem ajuda e é ajudado pela escrava, assim "pagando" sua dívida para libertar ela, porém o senhor dela havia morrido, e ele acabou não tendo que pagar a divida. (2) Ele mente para ela, e os dois ficam juntos, trabalhando sem parar, montam um mercado, e criam um cortiço, que é o nome do livro.
[2º Parágrafo] (3) O cortiço é como se fosse uma favela, cheio de dramas, histórias e confusões, no começo não me senti muito ligado no livro mas, aos poucos fui me envolvendo em suas histórias, das brigas, rodas de pagodes, das loucuras feitas por amor e por desejo, prazer envolvido, e da disputa por poder e riqueza. Ocorre muito derramamento de sangue, morte, brigas por territórios, muito prejuízo e lucro por parte do jovem.
[3º Parágrafo] (4) Particularmente gostei do livro, o final foi surpreendente e claramente fui pego de surpresa pela morte da escrava, pelo homem que trocou a mulher pela baiana e se arrependeu, a menina pura e inocente que virou prostituta, e João Romão que abriu os bolsos e trocou sua esposa, causando assim a morte dela para se casar com uma madame.

Apresentado o texto, seguem as análises. Primeiro enunciado (1):

(1a) Forma linguística: O livro conta a história de um homem muito trabalhador, e muito mão-de-vaca, que era amigo de uma escrava, também, muito trabalhadora, esse homem ajuda e é ajudado pela escrava, assim "pagando" sua dívida para libertar ela, porém o senhor dela havia morrido, e ele acabou não tendo que pagar a divida;
(1d) Explicatura expandida: PEDRO AFIRMA QUE O LIVRO O CORTIÇO CONTA A HISTÓRIA DE JOÃO ROMÃO, UM HOMEM MUITO TRABALHADOR E MUITO MÃO-DE-VACA, QUE ERA AMIGO DE UMA ESCRAVA, BERTOLEZA, TAMBÉM MUITO TRABALHADORA, E JOÃO ROMÃO AJUDA E É AJUDADO PELA ESCRAVA BERTOLEZA "PAGANDO" A DÍVIDA DE BERTOLEZA PARA LIBERTAR BERTOLEZA, PORÉM O SENHOR DE BERTOLEZA HAVIA MORRIDO E JOÃO ROMÃO NÃO TEVE QUE PAGAR A DÍVIDA DE BERTOLEZA PARA O SENHOR.

A seguir, tem-se o enunciado 2 que compõe o primeiro parágrafo:

> (2a) Forma linguística: Ele mente para ela, e os dois ficam juntos, trabalhando sem parar, montam um mercado, e criam um cortiço, que é o nome do livro;
> (2d) Explicatura expandida: PEDRO AFIRMA QUE JOÃO ROMÃO MENTE PARA BERTOLEZA E JOÃO ROMÃO E BERTOLEZA FICAM JUNTOS, TRABALHANDO SEM PARAR, MONTAM UM MERCADO E CRIAM UM CORTIÇO, QUE É O NOME DO LIVRO LIDO POR PEDRO.

Já no segundo parágrafo, Pedro apresenta o enunciado 3 a seguir:

> (3a) Forma linguística: O cortiço é como se fosse uma favela, cheio de dramas, histórias e confusões, no começo não me senti muito ligado no livro mas, aos poucos fui me envolvendo em suas histórias, das brigas, rodas de pagodes, das loucuras feitas por amor e por desejo, prazer envolvido, e da disputa por poder e riqueza. Ocorre muito derramamento de sangue, morte, brigas por territórios, muito prejuízo e lucro por parte do jovem.
> (3d) Explicatura expandida: PEDRO AFIRMA QUE O CORTIÇO É COMO SE FOSSE UMA FAVELA, CHEIO DE DRAMAS, HISTÓRIAS E CONFUSÕES, NO COMEÇO PEDRO NÃO SE SENTIU MUITO LIGADO AO LIVRO O CORTIÇO, MAS AOS POUCOS PEDRO FOI SE ENVOLVENDO EM SUAS HISTÓRIAS, DAS BRIGAS, RODAS DE PAGODES, DAS LOUCURAS FEITAS POR AMOR E POR DESEJO, PRAZER ENVOLVIDO, E DA DISPUTA POR PODER E RIQUEZA. NO LIVRO O CORTIÇO, OCORRE MUITO DERRAMAMENTO DE SANGUE, MORTE, BRIGAS POR TERRITÓRIOS, MUITO PREJUÍZO E LUCRO POR PARTE DO JOVEM JOÃO ROMÃO.

Por fim, no último parágrafo, Pedro apresenta suas impressões pessoais sobre a obra:

> (4a) Forma linguística: Particularmente gostei do livro, o final foi surpreendente e claramente fui pego de surpresa pela morte da escrava, pelo homem que trocou a mulher pela baiana e se arrependeu, a menina pura e inocente que virou prostituta, e João Romão que abriu os bolsos e trocou sua esposa, causando assim a morte dela para se casar com uma madame.
> (4d) Explicatura expandida: PEDRO AFIRMA QUE PARTICULARMENTE PEDRO GOSTOU DO LIVRO O CORTIÇO, O FINAL FOI SURPREENDENTE PARA PEDRO E CLARAMENTE PEDRO FOI PEGO DE SURPRESA PELA MORTE DA ESCRAVA BERTOLEZA, PELO HOMEM JERÔNIMO QUE TROCOU A MULHER PIEDADE PELA RITA BAIANA E SE ARREPENDEU, A MENINA PURA E INOCENTE QUE VIROU PROSTITUTA, E JOÃO ROMÃO QUE ABRIU OS BOLSOS E TROCOU A ESPOSA BERTOLEZA, CAUSANDO ASSIM A MORTE DELA PARA SE CASAR COM UMA MADAME ZULMIRA.

4.4 ANÁLISES REFERENTES ÀS PRODUÇÕES TEXTUAIS

Nesta seção, apresenta-se a produção textual de Pedro, evidenciando trechos destacados na produção audiovisual do livro trailer.

Antes de desenvolver a análise, cabe destacar que, ao escolher as turmas, optou-se por implementar a estratégia de ensino-aprendizagem na turma do período regular (noturno), pressupondo-se que essa turma teria menos tempo para realizar a leitura. Logo, a estratégia de ensino-aprendizagem poderia ser mais bem avaliada. Por outro lado, a turma do período inovador (matutino e vespertino) teria um horário de aula disponibilizado pela escola para leitura da obra, mas, infelizmente, o número de produções foi inferior. Em suma, a turma noturna efetivou o dobro de leituras que a turma do período inovador, ou seja, o estímulo do livro trailer, em tese, tornou a leitura mais atrativa, facilitando a interação professor-aluno-livro.

Sobre às produções textuais da turma sem a estratégia de ensino-aprendizagem, de forma geral, os alunos relataram, apenas, como classificariam a obra, recomendando-a ou não, e desenvolveram uma breve narração do enredo, como foi visto na resenha crítica da aluna Ana.

No que se refere às produções textuais com a estratégia de ensino-aprendizagem, percebe-se que as novas suposições vindas do livro trailer foram relevantes aos alunos, já que essas suposições apareceram nas produções textuais. Para exemplificar, tem-se abaixo uma tabela destacando as marcas da estratégia de ensino-aprendizagem na resenha crítica do aluno Pedro.

Produção textual – Pedro	Estratégia de ensino-aprendizagem – livro trailer
[1º Parágrafo] O livro conta a história de um homem muito trabalhador, e muito mão-de-vaca, que era amigo de uma escrava, também, muito trabalhadora, esse homem ajuda e é ajudado pela escrava, assim “pagando” sua dívida para libertar ela, porém o senhor dela havia morrido, e ele acabou não tendo que pagar a divida. Ele mente para ela, e os dois ficam juntos, trabalhando sem parar, montam um mercado, e criam um cortiço, que é o nome do livro.	O aluno Pedro contextualiza o início da obra, falando sobre a escravidão evidenciada no livro trailer.
[2º Parágrafo] O cortiço é como se fosse uma favela, cheio de dramas, histórias e confusões, no começo não me senti muito ligado no livro mas, aos poucos fui me envolvendo em suas histórias, das brigas, rodas de pagodes, das loucuras feitas por amor e por desejo, prazer envolvido, e da disputa por poder e riqueza. Ocorre muito derramamento de sangue, morte, brigas por territórios, muito prejuízo e lucro por parte do jovem.	O aluno apresenta o conceito de cortiço, visivelmente demonstrado no livro trailer. Além disso, ele descreve a caracterização do ambiente, apresentando os temas centrais citados no decorrer do trailer.
[3º Parágrafo] Particularmente gostei do livro, o final foi surpreendente e claramente fui pego de surpresa pela morte da escrava, pelo homem que trocou a mulher pela baiana e se arrependeu, a menina pura e inocente que virou prostituta, e João Romão que abriu os bolsos e trocou sua esposa, causando assim a morte dela para se casar com uma madame.	No fim, o aluno sintetiza as partes que mais lhe surpreenderam.

Então, na produção textual dos alunos que tiveram acesso ao livro trailer, foram destacadas características da obra que não apareceram nas produções dos alunos sem a estratégia de ensino-aprendizagem, como, por exemplo, a definição de cortiço. Logo, isso corrobora a hipótese de que trabalhar com diferentes metodologias e fazer uso de diversas mídias para, de forma ostensiva, incentivar a leitura é fundamental para o processo de ensino-aprendizagem.

Em síntese, percebeu-se que as impressões pessoais quanto à obra dos estudantes que tiveram acesso à produção audiovisual foram mais positivas, comparadas aos estudantes que não tiveram contato com a estratégia de ensino-aprendizagem e isso se deve ao fato de o livro trailer proporcionar mais efeito cognitivo do que esforço de processamento e, consequentemente, maior relevância.

5 CONCLUSÃO

Essa monografia analisou, com base na Teoria da Relevância de Sperber e Wilson (1986, 2001), a produção audiovisual da obra “O Cortiço” como estratégia de ensino-aprendizagem nas aulas de literatura clássica brasileira, em produções textuais de alunos do 2º ano do ensino médio, da escola de Educação Básica Saul Ulysséa, de Laguna (SC) em agosto e setembro de 2018.

A pesquisa investigou se existem marcas da estratégia de ensino-aprendizagem nas produções textuais da turma que assistiu ao livro trailer. Observou-se, também, as habilidades inferenciais dos alunos, apoiando-se em pressupostos de que as produções textuais dos que tiveram acesso à produção audiovisual combinariam um conjunto de suposições memorizadas do livro trailer com as novas suposições implicadas a partir da leitura e discussão em sala.

Para tanto, esse estudo foi dividido em duas etapas, das quais a primeira seguiu roteiros diferentes nas duas turmas e a segunda seguiu igual em ambas as turmas, são elas: 1a) apresentação, contextualização e solicitação de leitura da obra “O Cortiço” para a turma do 2º ano do ensino inovador (matutino e vespertino); 1b) apresentação, contextualização e solicitação de leitura da obra “O Cortiço”, bem como visualização e discussão sobre os estímulos ostensivos do livro trailer da referida obra para a turma do 2º ano do ensino regular (noturno); 2) discussão das questões relacionadas à obra e solicitação de produção textual elaborada em sala, relacionando questões discutidas no primeiro encontro e impressões pessoais sobre a leitura da obra. Desse modo, *o corpus* do trabalho é formado pela estratégia de ensino-aprendizagem com o livro trailer e as produções textuais.

Em relação às hipóteses desse trabalho, temos que a forma lógica, a explicatura e a implicatura permitiram uma descrição prática e apropriada sobre os processos ostensivos e inferenciais propostos pela Teoria da Relevância, ou seja, a aplicabilidade da teoria foi bem sucedida. Além disso, foi corroborada a hipótese de que a produção textual dos alunos que assistiram ao livro trailer combinaria um conjunto de suposições memorizadas pelos estudantes com as novas implicações da leitura. Destaca-se que nas produções textuais com a estratégia de ensino-aprendizagem foram manifestadas questões que caracterizavam o enredo ilustradas na produção audiovisual, além das impressões pessoais de cada estudante.

Ademais, observou-se a resistência dos alunos em relação à literatura clássica, um dos fatores que desencadeou a pesquisa. Assim, cabe destacar que os alunos que tiveram acesso à estratégia de ensino-aprendizagem, do período regular (noturno), embora tivessem

menor probabilidade de leitura, foram os que mais leram, totalizando o dobro de leituras da turma do período inovador. Logo, com isso, corrobora-se a hipótese de que a estratégia de ensino-aprendizagem com livro trailer influência no número de leituras dos alunos, por ser uma metodologia mais atrativa.

Acentua-se que a pesquisa não investigou a escrita dos alunos, mas sim a influência da produção audiovisual no incentivo à leitura. Por fim, esse estudo buscou verificar a aplicabilidade da Teoria da Relevância e o papel das estratégias de ensino-aprendizagem desenvolvidas pelo professor, com a intenção de aproximar os alunos da literatura clássica brasileira.

REFERÊNCIAS

CALDAS, Edison. **Revista Galileu**. Aulas tradicionais são ineficientes, mostra estudo. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2014/05/aulas-tradicionais-sao-ineficientes-mostra-estudo.html>. Acesso em: 26 abr. 2018.

CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos**. 1 ed. Companhia das Letras, 1993.

MORAN, José Manuel. **Os novos espaços de atuação do professor com as tecnologias**. Disponível em: http://www.ufrgs.br/nucleoead/documentos/moranOsnovos.htm. Acesso em: 26 abr. 2018.

PFROMM NETTO, Samuel. **Telas que ensinam**: mídia e aprendizagem. Do cinema ao computador**.** 2 ed. Campinas: Editora Alínea, 1998.

RAUEN, Fábio José; MACHADO, Suelen Francez. Interpretação do comercial de televisão Closet para sandálias havaianas: análise com base na Teoria da Relevância. In: SIMPÓSIO SOBRE FORMAÇÃO DE PROFESSORES, 3, 2011, Tubarão, SC. RAUEN, Fábio José (Org.). **Anais**... Tubarão: Ed. da Unisul, 2010. p. 1-22. Disponível em <http://linguagem.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/simfop/artigos_III%20sfp/Fabio%20Rauen_Suelen%20Machado.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2018.

SILVEIRA, Jane Cardozo da; FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes. **Pragmática e cognição**: a textualidade pela relevância e outros ensaios. 3. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

SPERBER, Dan; WILSON, Deirdre. **Relevância**: comunicação e cognição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

_____; _____. Posfácio da edição de 1995 de relevância: comunicação & cognição. **Linguagem em (Dis)curso**. Tubarão, v.5, n. esp., p. 171-219, 2005.

YOUTUBE. **Livro trailer "O Cortiço"**. Multimídia SEED [2016]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JcBXdftCUnI>. Acesso em: 16 mar. 2018.

ANEXOS

ANEXO A – Consentimento livre e esclarecido

Eu, _____, abaixo assinado, concordo em participar desse estudo como sujeito. Fui informado(a) e esclarecido(a) pela pesquisadora Danielle Machado Silveira sobre o tema e o objetivo da pesquisa, assim como a maneira como ela será feita e os benefícios e os possíveis riscos decorrentes de minha participação.

Nome por extenso: _____

RG: _____

Local e data: _____

Assinatura: _____

ANEXO B – Produção textual sem estratégia de ensino-aprendizagem

Elabore uma resenha crítica sobre a obra “O Cortiço”, levando em consideração a leitura do livro e as discussões da aula. Utilize caneta esferográfica preta ou azul e produza um texto com, no mínimo 20 (vinte), e, no máximo, 30 (trinta) linhas.

ALUNO(A):_____IDADE:_____

ANEXO C – Produção textual com estratégia de ensino-aprendizagem

Elabore uma resenha crítica sobre a obra “O Cortiço”, levando em consideração a leitura do livro, o que foi observado no livro trailer e as discussões da aula. Utilize caneta esferográfica preta ou azul e produza um texto com, no mínimo 20 (vinte), e, no máximo, 30 (trinta) linhas.

ALUNO(A):_____IDADE:_____